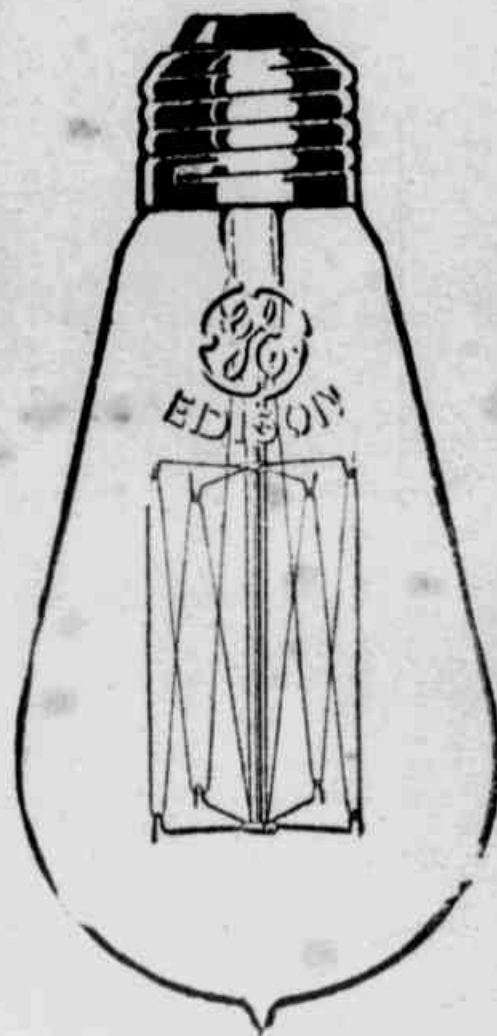
LUCILLE CARLISLE

6 DE
TUBRO
923

Paratodos...

O Almanach
d'"O Malho" para 1924
a sahir em Dezembro deste anno, será distribuido gratuitamente a todos os assignantes de um anno d'"O MALHO" e será no genero a mais util e interessante publicação, contendo cerca de 400 paginas de texto e chromos lindissimos.

Uma publicação luxuosissima, com centenas de retratos a côres dos artistas mais notaveis da tela será o Album Cinematographico do "Para Todos..." para 1924, já em organisação e que será posto a' venda nas proximidades do Natal.

NAS AGUAS

As mulheres sempre andam á caça de cousas maravilhosas para se embellezarem. Os charlatães sabedores disso exploram-n'as torpemente, impingindo-lhes as drogas mais ordinarias e nocivas.

Uma amiga nossa contava-nos que não usa senão o "Sabonete de Reuter" desde menina para seu asseio pessoal, e a primeira vez que nos banhos de mar, em Capocabana, exhibira os seus braços, seio e pernas, de uma alvura impeccavel, fôra rodeada logo na agua por muitas das suas amigas e até por algumas com quem não tinha outra intimidade senão aquella que a agua salgada offerece naquelles momentos em que se reunem no banho, e interrogada sobre os meios que adoptava para conseguir uma cutis tão deslumbrante e immaculada.

— Que faz você para conservar a sua tez tão branca, tão fina, tão fresca e perfumada?

— Lavo-me de dia e de noite com "Sabonete de Reuter" — respondia ella invariavelmente.

— E depois do banho de mar?...

— Tomo outro de agua doce e ensabôo-me com o delicioso "Reuter" Não tenho pois de me incommodar que os saes do oceano, depositados nos poros da pelle, promovam irritações tão faceis de se produzir em nós que possuimos uma tez delicada.

Depois deste banho, parece que o nosso corpo se reveste de uma immensa folha de rosa.

Os nossos musculos ficam flexiveis; as mãos parece que ficam cobertas de uma subtilissima tela de seda... O "Sabonete de Reuter" além disso suggestiona alegria e sonhos deliciosos.

Quem se lava de noite com "Sabonete de Reuter", sonha de noite com phantasias paradisiacas.

Um conto por um conto...

O concurso do "TINTOL"

Como nos compromettemos com os concorrentes ao Concurso de contos de preconicio ao "*Tintol*", entregámos ao julgamento de uma commissão de tres illustrados professores os 68 trabalhos que neste sentido recebemos.

Esta Commissão, composta dos Srs. Hermeterio dos Santos, Curiacio Cabral e M. Daltro Santos, nomes acatadissimos nos nossos circulos literarios e do magisterio, acaba de nos dar o seu criterioso e luminoso parecer.

Preliminarmente, foram dados como inuteis 9 dos trabalhos concorrentes. Dos 59 restantes, foram considerados inferiores aos demais, nada menos de 31, "alguns dos quaes não são desprovidos de qualidades apreciaveis", "sobrando, para ulterior exame, 28 composições geralmente acceitaveis, entre as quaes haveria de escolher a Commissão *a melhor*". Sobre estes trabalhos, dos quaes ainda foram destacados sete, a Commissão deu parecer de per si, chegando, porém, "á conclusão de que nenhum delles póde ser posto em primeiro logar, porque lhes fallece, mesmo aos melhores, pelo menos uma das exigencias naturaes que a Commissão traçou como elementos ao seu criterio julgador", cujas principaes são: "*a habilidade no reclamo*, que este é o fim collimado no concurso, e *a extensão adequada* a impressionar vigorosa e rapidamente o leitor".

Lamentando, como perante nós já o fez a propria Commissão, "que da concorrencia não haja surgido um conto evidentemente primoroso, que sobrelevasse com grande vantagem a todos os outros, e que, *apertado na exigencia do tamanho*, pudesse, *apesar disso*, isolar-se e distanciar-se dos demais, obtendo o primeiro logar", resolvemos prorogar até 14 de Novembro proximo a data em que recebemos novas composições para o mesmo concurso de *Um conto de réis* ao melhor conto humoristico de preconicio ao "*Tintol*".

As composições devem ser escriptas de 400 a 500 palavras, sem desviar-se do ligamento da idéa para episodios secundarios, e de molde a poderem ser aproveitados como reclamo do "*Tintol*", preparado chimico que serve *para tingir em todas as côres com absoluta segurança*.

A correspondencia neste sentido deve ser endereçada, pois, até 14 de Novembro, para os depositarios

M. GONÇALVES & CIA.

Rua Municipal, 13

Rio de Janeiro

Questionario

MARIA BELLA (S. Paulo) — Tenha paciencia, amiguinha, mas só responderemos por aqui e até cinco perguntas. Bebe e Gloria, Lasky Studios, Vine Street, Hollywood, Cal. Ethel 780, Gower Street, Los Angeles, Cal. Ruth, Hal Roach Studios, Culver City, Cal., e Viola, Metro Studios 1025, Lillian Way, Los Angeles, Cal.

FLOR DE NEVE (Santo) — Só respondemos até cinco perguntas. 1°) Hal Roach Studios, Culver City, California. 2°) 780, Gower Street, Los Angeles, Cal. 3°) Idem. 4°) Não está trabalhando actualmente. 5°) Actualmente, Universal City, Los Angeles, California.

KOSLOFF (Rio) — 1°) Goldwyn Studios, Culver City, Cal. 2°) Berwilla Studios, 5821, Santa Monica Blvd., Hollywood, Cal. 3°) Igual ao 1°. 4°) Actualmente Lasky Studios, 1520 Vine Street, Hollywood, Cal.

SABAOSETA (Bahia) — 1°) Sim. 2°) No numero 231. 3°) Dirija-se á gerencia. Numero atrazado custa mil réis. 4°) Natural de Dallas, Texas, 22 annos, morena, olhos e cabellos castanhos escuros, solteira, 56 kilos e 1m,60 de altura. Lasky Studios, 1520, Vine Street, Hollywood, California.

MYSELF (Rio) — Estamos immensamente aborrecidos. Mil perdões, mas só depois de publicado é que vimos o quanto era fina, interessante e valiosa aquella historia. Teriamos publicado na Chronica. Esta nossa vida aqui de redacção...

BILL RUSSELL (S. Paulo) — Que nos perdoe, mas sabe o amigo *Bill* de uma coisa? A sua carta vae resultar novas contestações e este assumpto tem prejudicado um tanto a "Pagina dos nossos leitores", em que devem sahir coisas de mais valor. Não fique aborrecido, mas temos muitas cartas para sahir ainda na citada pagina.

QUINTINO (Caruarú) — Tenha paciencia, amigo, mas esta semana recebemos tres cartas suas! Vae pela ordem. 1°) Foi contractado pela Goldwyn, mas póde trabalhar em outras fabricas. 2°) E', adoptou-o para usal-o profissionalmente. 3°) Foi para a F. B. O. e nesta fabrica tem apparecido aqui no Rio. 4°) Natural de Juiz de Fóra. Nunca fez coisa alguma e já ha muito voltou. 5°) Esteve a passeio, mas já voltou. 6°) Que saibamos, não ha casa especial neste genero aqui. Vá desta vez, mas só respondemos cinco perguntas de cada vez.

RONACIN (Rio) — Milhões de vezes agradecidos. Duas dellas já tinhamos para o Album e o Warner foi para o mesmo fim.

ALLADIM MARAVILHOSO (Rio) — Tem toda a razão. E' o cinema mais desorganisado do Rio! Não se emendam! Vae ser publicado. E gostou do desenho? Filho, é o que lhe podemos fazer...

IPS (Petropolis) — Não fazemos nada de mais! 1°) Nasceu em 1889. Um film baseado mesmo nos Dez Mandamentos. 3°) Um film da Fox, filmado nas mesmas condições do que o seu *Nero*. 4°) Nada soubemos depois. 5°) Deixou. Não sabemos se pretende voltar.

AMAZILIO NEIVAS (Rio) — 1°) Lasky Studios, 1520, Vine Street, Hollywood, Cal. 2°) Não ha com certeza. 3°) Lambs Club, 130 West Forty-fourth Street, New York City. 4°) Godwyn Studios, Culver City, Cal. 5°) E', parece que sahiu, mas póde enviar ainda para lá: Lasky Studios, Vine Street, Hollywood, California.

ENDEREÇOS DE ARTISTAS

Joseph Schildkraut, Norma e Constance Talmadge, Marjorie Daw, Jack Mulhall, Conway Tearle, George O'Hara, Holbrook Blinn, Mary Beth Milford e Buster Collier — United Studios, Hollywood, California.

William Duncan, Jack Hoxie, Hoot Gibson, Gladys Walton, Priscilla Dean, Virginia Valli, Art Acord, Reginald Denny, Edith Johnson, Norman Kerry, Herbert Rawlinson e Richard Talmadge — Universal Studios, Universal City, California. Tambem Mary Philbin.

John Barrymore, Walter McGrail, Percy Marmont, e Lionel Barrymore — Lambs Club, 130 West Forty-fourth Street, New York City.

Elaine Hammerstein, Bryant Washburn, John Bowers e Maryon Aye — Care of Principal Pictures Corporation, 7250 Santa Monica Boulevard, Hollywood, California.

Mae Marsh, Ivor Novello e Carol Dempster — Griffith Studios, Orienta Point, Mamaroneck, New York.

Pola Negri, Richard Dix, Charles de Roche, Jack Holt, Theodore Kosloff, Jacqueline Logan, Estelle Taylor, Rod La Rocque, Mary Astor, Bobby Agnew, Gloria Swanson, Eileen Percy, Ernest Torrence, Theodore Roberts, Lila Lee, Bebe Daniels, Casson Ferguson, Leatrice Joy, Gareth Hughes, Antonio Moreno, Lewis Stone, Lois Wilson, Walter Hiers, Maurice Flynn, Agnes Ayres, Thomas Meighan, William Boyd, June Marlowe, Vera Reynolds, Constance Wilson e Alma Bennett — Lasky Studios, Vine Street, Hollywood, California.

Mabel Normand, Mack Swain, Ben Turpin e Kathryn McGuire — Mack Sennett Studios, Edendale, California.

Eugene O'Brien — Care of The Players Club, Gramercy Park, New York City.

George Arliss, Mimi Palmeri, Alfred Lunt e Alice Joyce — Care of Distinctive Productions, 366 Madison Avenue, New York City.

Elsie Ferguson, Dorothy Mackaill, Nita Naldi, James Rennie, Mahlon Hamilton e Alice Brady — Care of Paramount Pictures Corporation, 485 Fifth Avenue, New York City.

Johnny Jones e Ben Alexander — Care of J. K. McDonald Productions, Hollywood Studios Hollywood California.

Lillian Gish, Ronald Colman, Dorothy Gish e Richard Barthelmess — Care of Inspiration Pictures Corporation, 565 Fifth Avenue, New York City. Tambem Gail Kane.

Mae Busch, Eric Von Stroheim, Dale Fuller, Za Su Pitts, Bessie Love, Carmel Myers, Claire Windsor, Helene Chadwick, Conrad Nagel, Lucille Ricksen, Frank Mayo, Goesta Ekman, James Kirkwood, Aileen Pringle, Eleanor Boardman, Kathleen Key, Blanche Sweet, Pauline Starke e Sydney Chaplin — Goldwyn Studios, Culver City, California.

Marion Davies, Seena Owen, Bert Lytell, Anita Stewart e Alma Rubens — Care of Cosmopolitan Productions, Second Avenue and One Hundred and Twenty-seventh Street, New York City.

Mary Pickford, Anna May Wong, Julanne Johnston, Douglas Fairbanks e Jack Pickford — Pickford-Fairbanks Studios, Hollywood, California.

☆ ☆ ☆

Ha pouco falámos do estado grave em que se achava Eddie Polo, o "Rolleaux". Pois bem. Elle já deve estar bom e em algum paiz sul-americano, se dermos credito a uma noticia que lemos: "Olga Thiefes Frank partiu para a America do Sul para trabalhar em algumas fitas da Universal com Eddie Polo". Estes americanos dão noticias sem mais nem menos! Surprehendenos tambem elle ter voltado para a fabrica de Laemmle!

A MELHOR RECLAME: O PREÇO

Examinem os nossos mostruarios e cotejem os NOSSOS PREÇOS. Dahi inferirão as VANTAGENS que offerecemos á nossa freguezia em toda a especie de

ARTIGOS PARA SENHORAS

ARTIGOS PARA HOMENS

ARTIGOS PARA CRIANÇAS

ARTIGOS PARA CASA

A's sextas-feiras:
SALDOS e RETALHOS em todas as secções

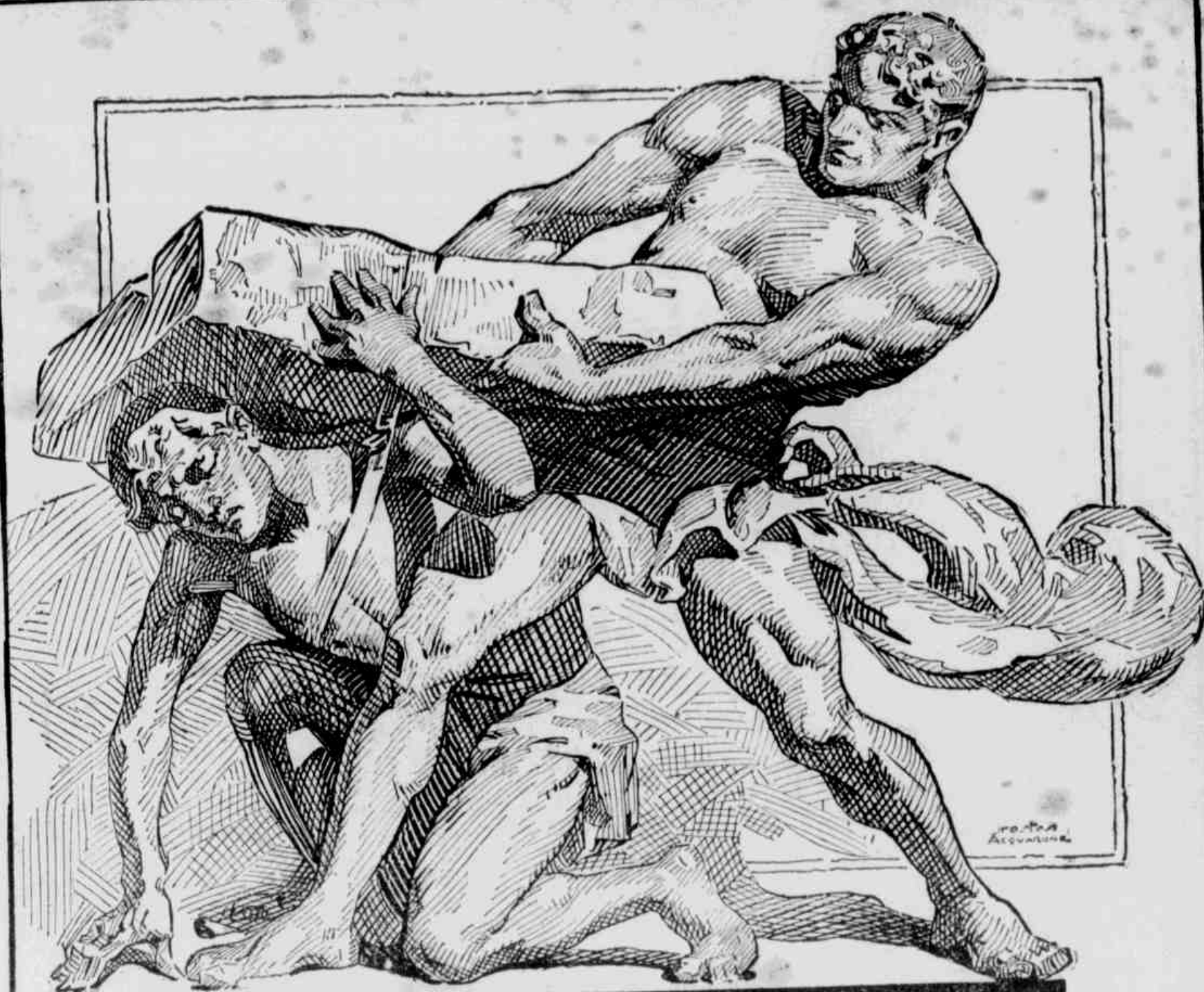
CASA COLOMBO

Grandes Armazens

Em viagem:

Segurança, Elegancia e Conforto

com artigos da CASA COLOMBO

Preços e modelos especiaes

NutrioN

O "Nutrion" é o mais poderoso dos Tonicos: fortifica o corpo e restaura as energias organicas. — Cada vidro de "Nutrion" é um reservatorio de Força e de Saude. O "Nutrion" é o melhor Remedio

contra o Cançasso e o Abatimento,

quer physico, quer cerebral, contra o exgottamento nervoso, contra a debilidade. — O "Nutrion" é o Remedio dos desnutridos e Depauperados; combate com vigor a Fraqueza, a Magreza e o Fastio.

ANNO V

NUMERO 251

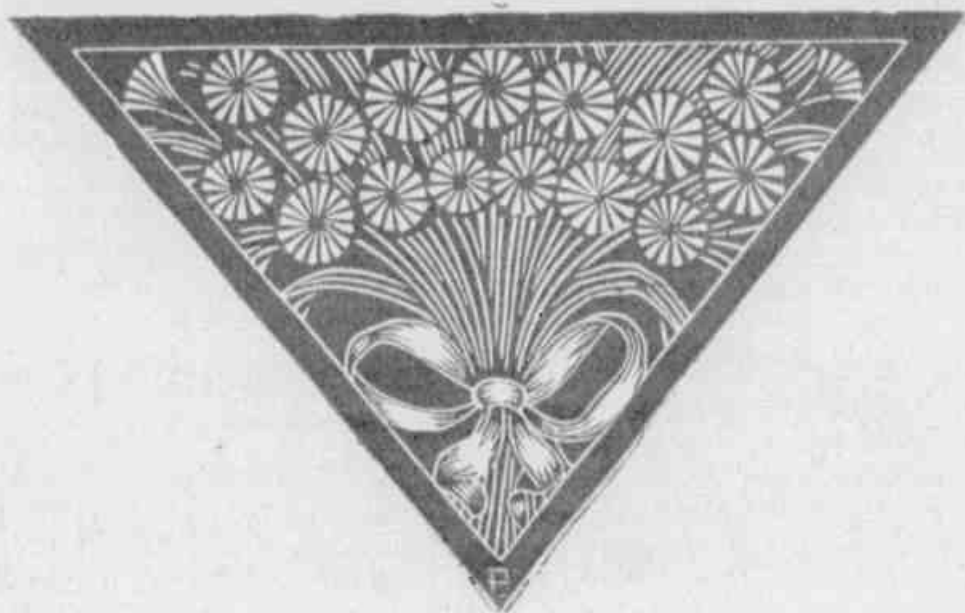
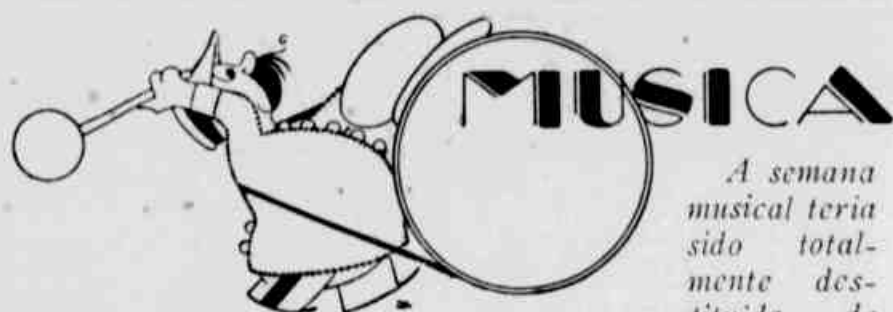
Para todos...

Rio de Janeiro, 6 de Outubro de 1923

ESTAÇÃO NOVA

A primavera já chegou. Os ventos doidos, que vieram do mar, levaram as ultimas brumas do inverno. E, agora, que lindos dias têm amanhecido! Pensamentos felizes, acordados com o sol, andam sobre a cidade, entre as ondas, entre as montanhas, entre as nuvens. Os jardins, pelas alamedas, no azul dos lagos, sorriem o seu sorriso de estação nova. Ha pantomimas á beira das arvores, bailados no meio das folhas. Quando a noite cae, e as sombras sobem do chão para os ramos, elles adormecem, os jardins poetas; adormecem, sonhando, lembrando... A seiva que os anima ascende do fundo da terra e traz-lhes o retorno das vidas floridas e perdidas... Vêm nella, na ancia da resurreição, rosas que encantaram, mãos que foram beijadas, corações ainda batendo... Primavera! Se tu ficasses sempre!...

ALVARO MOREYRA

MUSICA PARA TODOS

A semana musical teria sido totalmente destituida de interesse para o publico, se não houvesse gosado a encantadora surpresa das noites dos Córos Ukranianos.

Entre as emoções da temporada musical deste anno, a emoção produzida pela pequena companhia dirigida pelo maestro Koshetz foi, sem duvida, a mais profunda, e a que mais intensamente se fez sentir, em todos os que correram ao velho Lyrico, attrahidos pela novidade, attrahidos pelo reclamo, attrahidos pelo triumpho obtido e que rapidamente se espalhou pela cidade toda. E' que para ouvir, comprehender e, consequentemente, gosar o encanto dos programmas executados, não se fazia mister que o espectador tivesse um ouvido educado para apprehender a musica dos classicos, nem a dos romanticos, nem a dos modernos, nem a dos contemporaneos, com o seu transcendentalismo musical, que é a tortura de tanta gente... Bastava que o espectador tivesse um ouvido, um ouvido musical, simplesmente ouvido capaz de gosar a musica popular, que é sempre bella na sua singeleza, na sua espontaneidade, no seu anonymato, seja ella franceza ou italiana, allemã ou hespanhola, brasileira ou russa. Dahi, sem duvida, o lindo successo alcançado pelos Córos Ukranianos, que não exigem publico especial, porque os seus programmas são leves, constando de numeros que são, quasi sempre, canções populares russas, adaptadas áquelle genero de espectaculo.

Interior da bibliotheca do Instituto Nacional de Musica

E', realmente, delicioso o effeito produzido por essas musicas atravez da interpretação que lhes dá a troupe dirigida pelo maestro Alexandre Koshetz !

Tudo nesses 40 artistas é surprehendente: a precisão com que atacam as notas ou rematam as phrases; a afinação rigorosa com que apresentam os accordes ou desenham as melodias atravez dos acompanhamentos; a intensidade variadissima da sonoridade obtida, que tanto póde alcançar o maximo desejado num conjuncto coral, como póde transformar-se num simples sussurro, um quasi sopro musical.

Durante a interpretação de certas musicas, a Arrulhando (canção do berço), *por exemplo, cantada a bocca fechada, aquelle conjuncto admiravel de quarenta artistas quasi estatuas e quasi maravilhosos, dá a perfeita illusão de uma grande orchestra, cujas quarenta figuras dispõem do mais perfeito, do mais completo, do mais extraordinario de todos os instrumentos: a garganta humana. A massa coral, uma cohesão absoluta, faz sentir os violinos que desenham as melodias, passando-as aos violoncellos ou aos fagotes, com o acompanhamento de todos os instrumentos, dentre os quaes o contrabaixo sobresahe.*

Dahi aquelle effeito maravilhoso, que ainda mais emociona pela interpretação dada, que se transmitte ao assistente, como um fluido embriagador. Nossa Senhora de Potchalv, Arrulhando, A viuva da aldeia, Canta, passarinho cinzento, Das montanhas aos valles, Canção do Natal, Na montanha, Os cogumelos, Perto de Baryshpol, *são pagias cheias de poesia, de originalidade, de levesa, de melancolia, de graça, cuja impressão nos ficará indelevelmente assignalada na memoria.*

Melodias populares, quasi todas, ellas nos são apresentadas depois do necessario preparo de embellezamento; e russas que são, vão enfrentando todas as platéas, todos os publicos, todas as exigencias das criticas, triumphalmente, de victoria em victoria, entre applausos e successos ininterruptos.

Registrando aqui a pequenina temporada dos Córos Ukranianos, rendemos a nossa homenagem a uma das mais encantadoras manifestações de Arte, uma das mais impressionantes emoções musicaes que temos tido.

———

Os espectadores eram constituidos de córos e solos de soprano, nos quaes se apresentaram, revesando-se, as senhoras Marianna Tcherkasskaja, Nina Koshetz e Marie Mashir.

Pela qualidade da voz, pelos predicados de escola em que foi a mesma educada, é a Sra. Tcherkasskaja a mais perfeita das tres, embora das tres, a de mais temperamento nos parecesse a Sra. Nina Koshetz cuja voz, entretanto, não lhe corresponde ao talento de interprete admiravel. — Tapajós Gomes.

NO INSTITUTO DE MUSICA

M. B.

M. B., joven, pallido, mellifluo e romantico, todo elle é a personificação amanteigada do mingau de banana...

A pallidez traduz-lhe o abemolado romantismo com que executa as Polacas, *de Chopin, que elle interpreta com vaselina na ponta dos dedos. O joven M. B. é todo um derretimento musical que tem a sua expressão maxima no beijo de emoção que dá á professora, quando tem de tocar em publico.*

Coitadinho !

P. e S.

Compositor não revelado, *segundo a expressão dos que com elle privam.*

O alumno que lhe cahe nas garras comprehende logo que harmonia é um estudo preto ! *O exigente* maestro *não é de brincadeira; com elle tudo tem de andar muito certinho, e não admitte brincadeiras.*

Homem positivista, gosta de viver ás claras. — Mi-mi.

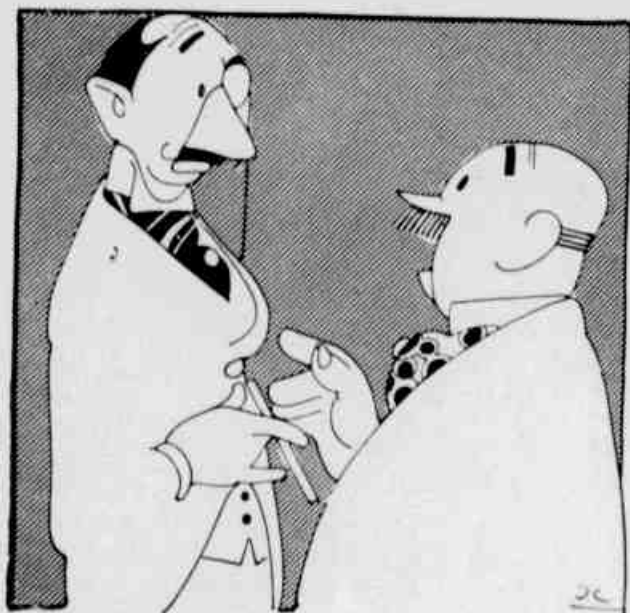
Chapéo á moda do Segundo Imperio Francez, na cabeça de Mlle Ludmila Blanche, comediante russa.

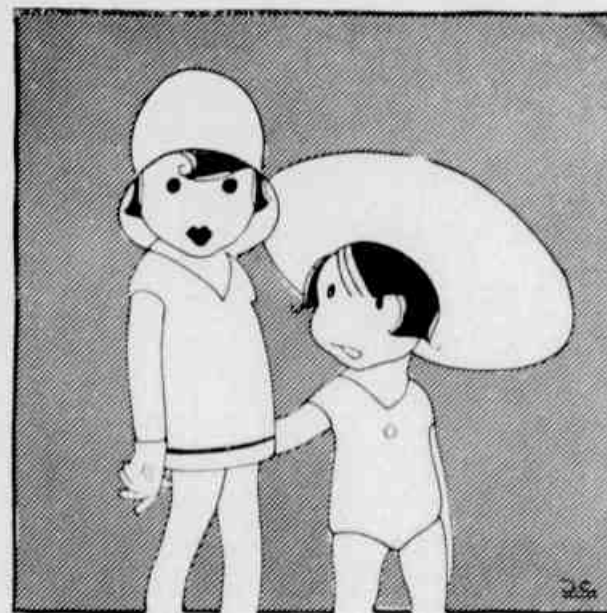
Este modelo, apresentado por Mlle Maud Gipsy, é para a noite e democratico, genero depois da guerra e durante o *shimmy*.

DE PARIS: MULHERES E CHAPÉOS

Uma *toque* propria para cabellos curtos. E' o chapéo para a manhã e para as primeiras horas da tarde. Mostra-o Mlle Madwig.

E aqui está a nossa bem conhecida e bem querida Mme Huguette Duflos, de cabellos loiros e sorriso lindo, com uma *toque* de velludo preto, ineluctavel...

— Mas, afinal, se não lhe tinhas amor, por que lastimas o rompimento ?
— Elle faz-me muita falta. Com quem vou eu agora brigar ?...

— Tu pódes ganhar muito dinheiro exhibindo a careca.
— Como ?
— Annunciando : — " Phenomenal *couro craneano*".

Belmiro Braga, o poeta tão amado, que nos deu, ha pouco, *Tarde florida*, livro encantador de graça e commoção, cujos versos andam já no coração e na memoria de toda a cidade.

Tótó — Por que é que o Pepito nasceu nu ?

LILI — Você parece bobo. Porque veiu de Paris.

COMEDIAS E COMEDIANTES

O mundo das grandes descobertas scientificas, das altas cogitações philosophicas dos ultimos duzentos annos venera e exalta, no momento que passa, Sua Magestade a Futilidade.

Definida algures como a era da meia de seda — definição feliz porque fixa, como symbolo, uma exigencia da esthesia mental e sentimental do homem de agora, a um tempo frivolo e espiritual — é-lhe caracteristica a despreoccupação dos problemas graves, o desinteresse das questões serias, de tudo quanto possa impressionar profundamente, de tudo quanto nos faça pensar ou sentir.

O theatro, reflexo da vida ou a propria vida transplantada para o palco — o homem sempre gostou de se divertir com os seus semelhantes e é corrente a satisfação dos simios deante dos espelhos... — não podia assumir outra fórma senão a da futilidade. Em vão a critica retardada, imbuida ainda das idéas dominantes no seculo XIX — o das luzes, — clama contra a vacuidade das obras e dos autores e, sinceramente indignada, brada que nada têm dentro... O publico, juiz supremo, ri da ingenua, pisca o olho brejeiro, convencido, que está, de que, por dentro da meia de seda, ha essa coisa que não é invenção do nosso tempo e cujo prestigio remonta a eras prehistoricas — a perna...

Ainda não se aperceberam disso os directores artisticos das companhias portuguezas, e dahi as decepções que têm tido nas visitas que nos fazem, com elencos satisfactoriamente organisados, mas que só despertam interesse no decurso dos primeiros dias.

Léa Candini, a deliciosa artista de opereta, que depois de uma temporada muito applaudida, aqui, — no Republica e no Lyrico, onde está dando os seus ultimos espectaculos, — embarcará, breve, para o Rio Grande do Sul.

Póde a vida estar carissima, ser asphyxiante o preço dos alimentos e do vestuario, já não ha pobres. Quem não faz vida de rico quer, pelo menos, ter a impressão de que a faz. Ninguem tolera, pois, um scenario safado, em tons discretos, decorado ao gosto classico, nem mobiliario vetusto com ares de reliquia de familia... As salas e salões têm que ser em tons claros e vivos, embebedando o olhar de luz e côr, o mobiliario assorti, com o mesmo aspecto ridente, polychromia extravagante e bizarra em que o espirito se recreie como se fosse chamado a gosar, em um momento, todas as sensações agudas da vida! Todas as delirantes fantasias da imaginação exaltada.

O exemplo de Vilches ha dois annos, de Mme Rasimi, de Maria Melato e Dario Nicodemi, ultimamente, produziu entre nós os melhores fructos. A ensceação de Oduvaldo Vianna, e agora a de Viriato Corrêa e Leopoldo Fróes, obedecem já ao espirito novo, e a essa orientação devem aquelles emprezarios boa parte do seu successo.

Passa, assim, a competição em materia de arte para o terreno da futilidade. Luctar contra isso é perder tempo e — o que é peor — envenenar a alma com o goso alheio, fechar o punho emquanto os outros abrem os olhos deliciados.

Que impere Sua Magestade a Futilidade! Sem ella morreriamos de tedio. E tanto isso é verdade que a Futilidade é mulher...

☆ ☆ ☆

Um dos jogos de salão, em uso ainda para os lados

dos suburbios da Leopoldina, consiste em tomar cada pessoa o nome de uma peça de enxoval de noiva, — o que é uma opportunidade muito procurada pelos velhos gaiteiros para a reedição de pilherias mais gastas pelo uso do que o — não sobe mais ninguem ! — da estatua do Floriano — e, depois de accommodados todos, travar-se o seguinte debate: — "No dia do casamento faltou á noiva a camisa... Camisa tinha, brada a camisa, o que não tinha era véo... Véo tinha, exclama o véo, o que não tinha era grinalda... Grinalda tinha, o que não tinha era calça..." e assim por deante, jogo muito interessante, como se vê, e que ainda proliferaria nos bairros chics *se tão resumidos, no tocante á diversidade de peças, não fossem, actualmente, os enxovaes de noiva...*

Pois com o nosso theatro dá-se a mesma coisa. Os criticos dizem que o que nos faltam são artistas; os artistas affirmam que a carencia é de publico; o publico queixa-se de que não ha autores; os autores, como ainda ha pouco Coelho Netto, lamentam a fallencia de criticos...

Por que não se ha de ver em tudo não a carencia, mas o alvorecer da nossa mentalidade em arte theatral, sem culpar a ninguem de falhas que são de todos? Não ha separação possivel entre os diversos elementos que constroem actualmente os alicerces do theatro brasileiro. Pretender que a deficiencia é de criticos, ou de autores ou de artistas, é commetter uma injustiça.

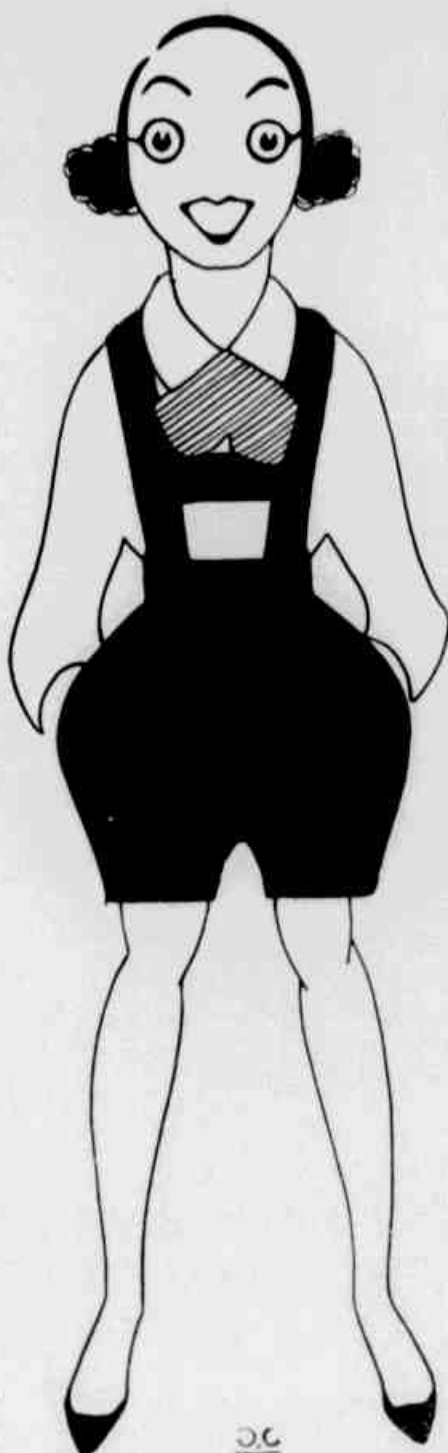
☆ ☆ ☆

A Velasco, com a sua La Tierra de Carmen, *alcançou novo exito. Apesar da chuva o* João Caetano *enche-se para a embriaguez deliciosa da musica viva e alegre, dos trajes vistosos das lindas mulheres...*

☆ ☆ ☆

Não é difficil prophetisar á Léa Candini futuro dos mais brilhantes, pelos predicados que reune, para estrella *de opereta. Figura, voz, representação, graça choreographica nella se fundem em uma só expressão de encanto para deleite da platéa. Ha de triumphar um dia entre nós como triumphou Esperanza Iris, que lhe guiou os primeiros passos.*

☆ ☆ ☆

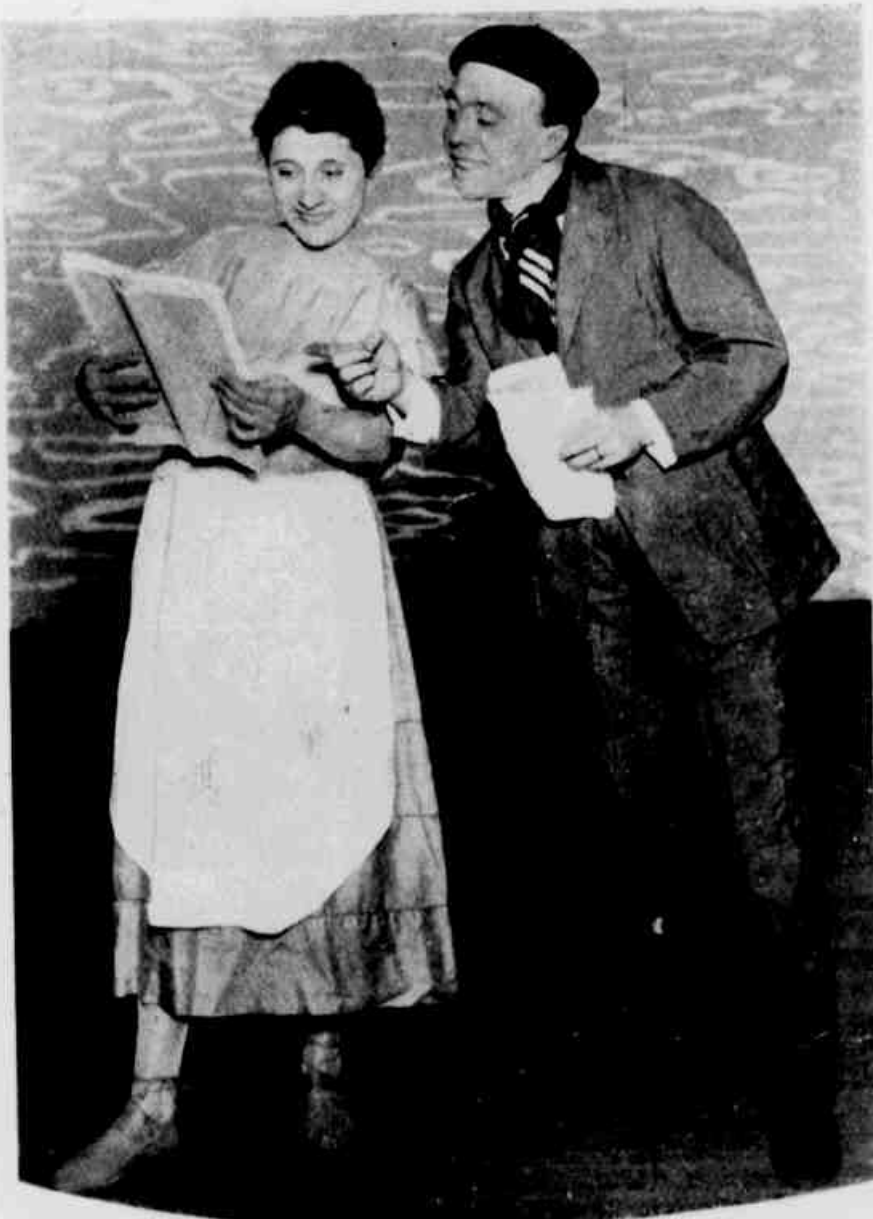
A escola da mentira *está fazendo bella carreira no* Trianon, *attestando o prestigio de que gosa o nome do autor de* Flores de sombra.

☆ ☆ ☆

Pepa Ruiz morreu, domingo passado, espalhando-se a triste nova rapidamente no meio theatral, e por toda a cidade que ainda não esquecera o seu nome e não o esquecerá tão cedo. Victimou-a um ataque de uremia; seu enterramento, com grande acompanhamento de pessoas amigas e collegas, effectuou-se segunda-feira á tarde no cemiterio S. João Baptista.

Pepa Ruiz nasceu em Badajoz a 27 de Setembro de 1859, transferindo-se com sua familia para Lisboa quando contava apenas 6 annos de edade. Sua estréa deu-se em uma revista de anno de Souza Bastos no theatro da rua dos Condes, aos 16 annos de edade. Graciosa, bonita, insinuante, conquistando immediatamente a sympathia do publico, rapidamente se impoz, tornou-se o idolo da platéa lisboeta. Dois annos depois surgia no Trindade do Porto, representando em portuguez e consolidando o renome de que já gosava. Em 1879 reappareceu em Lisboa no Principe Real, na burleta As intrigas do bairro *e, a seguir, em uma revista de anno, no drama* A navalha, *em 1880, na* Mlle Nitouche, *que foi á scena cerca de cem vezes, na* Fada de coral, Filha do Tambor-mór, Lanceiros, Meia de lã, O visconde *e na peça* A estréa de uma actriz, *em que fazia seis papeis, alcançando o maior renome a que uma actriz do seu genero podia aspirar.*

Veiu pela primeira vez ao Rio em Junho de 1881 e aqui teve a mesma acolhida, sendo a sua estréa com a ultima das peças acima citadas. Fez, depois, A mascotte, Boas noites, Sr. D. Simão, Ultimo figurino *e* Espelho da verdade, *sempre com enorme successo.*

Voltou a Lisboa em 1884, mas pouco depois regressava ao Rio, aqui se conservando até 1888. Em Portugal fez então o Tim-tim por tim-tim *com os seus celebrados 18 papeis, e foi realmente o apogeu da sua carreira a representação dessa revista entre nós. O Rio não cuidava de outra coisa e nunca uma* estrella *de revista gosou no Brasil de maior popularidade do que Pepa Ruiz nos pri-*

Amata Candini, no "Camponez Alegre". (Caricatura de J. Carlos)

Eugenia Galindo e Vicente Mauri, na "Pilonga" e no "Academico", de *La Tierra de Carmen.*

meiros annos da Republica, sendo cognominada a archi-graciosa.

Data dessa época, pouco mais ou menos, a empreza-ria e, nessa qualidade, excursionou por todo o Brasil. Outros grandes successos seus eram os seus papeis de O Rio Nu e a Lola da Capital Federal, de que foi a creadora.

Mulher intel-ligente, jovial, ex-cellente palestra, conhecendo o meio em que vi-via e o mundo, depressa conquis-tava amisades e admiradores, ten-do, por isso mes-mo, tido tudo quanto quiz, no decurso de sua carreira theatral.

☆ ☆ ☆

Ha cerca de quatro annos, em uma companhia de féeries que oc-cupou o Phenix e teve vida ephe-mera, estreou, com assignalado exito uma bailarina brasileira, a Se-nhorinha Yára, que á graça dos movimentos allia-va o encanto d sua figura. Depois partiu para o nor-te em tournée e seu nome desap-pareceu inteira-mente do noticia-rio dos jornaes cariocas. Segun-da-feira, a gra-ciosa artista visi-tou-nos. Tem per-corrido todo o Brasil, alcançan-do exito a sua choreographia, e como agora re-solveu visitar as Republicas do Prata não se quiz ausentar do seu paiz sem se fazer applaudir no Rio. Che-gada ha dois dias, tem já decidido o unico espectaculo que dará entre nós e que se realisará no Lyrico, no dia 13, constando o programma de dansas classicas. Confia no exito dessa exhibição pelo muito que progrediu nesses quatro annos de excursão.

Rosita Rodrigo, 1ª tiple da Companhia Velasco, em *La Tierra de Carmen*

Desejando attender aos insistentes pedidos que rece-beu, o emprezario Sr. Eulogio Velasco resolveu vender alguns mantons de Manilla dos mais bonitos que se apre-seniam em La Tierra de Carmen. Como todos sabem, os mantons constituem hoje a maior moda nos theatros e salões da Europa e já estão sendo introduzidos como moda no Rio de Janeiro. Assim, pois, logo que saia de scena a revista La Tierra de Carmen poderão os referidos adornos ser adquiridos, por gentileza do em-prezario Velasco que terá que comprar outros tanto mais que em Barcelona fa-rá sua estréa com La Tierra de Carmen, que con-tinúa levando ao João Caetano grande concor-rencia.

☆ ☆ ☆

Continuam animados os en-saios da Compa-nhia Brasileira de Comedias, do Trianon, que vae a S. Paulo, em excursão artistica e ali deve estrear no Boa Vista, no dia 18. Já estão de pé as come-dias Zuzu, do Dr. Viriato Corrêa e O outro An-dré, do Sr. Cor-rêa Varella. As principaes figu-ras da compa-nhia, conforme noticiámos já, são as apreciadas actrizes brasilei-ras Sras. Davina Fraga, Amada Fonfredo e Itala Ferreira e os festejados actores Srs. Procopio Ferreira e Christiano de Souza, exercendo este illustre homem de theatro o cargo de director artistico.

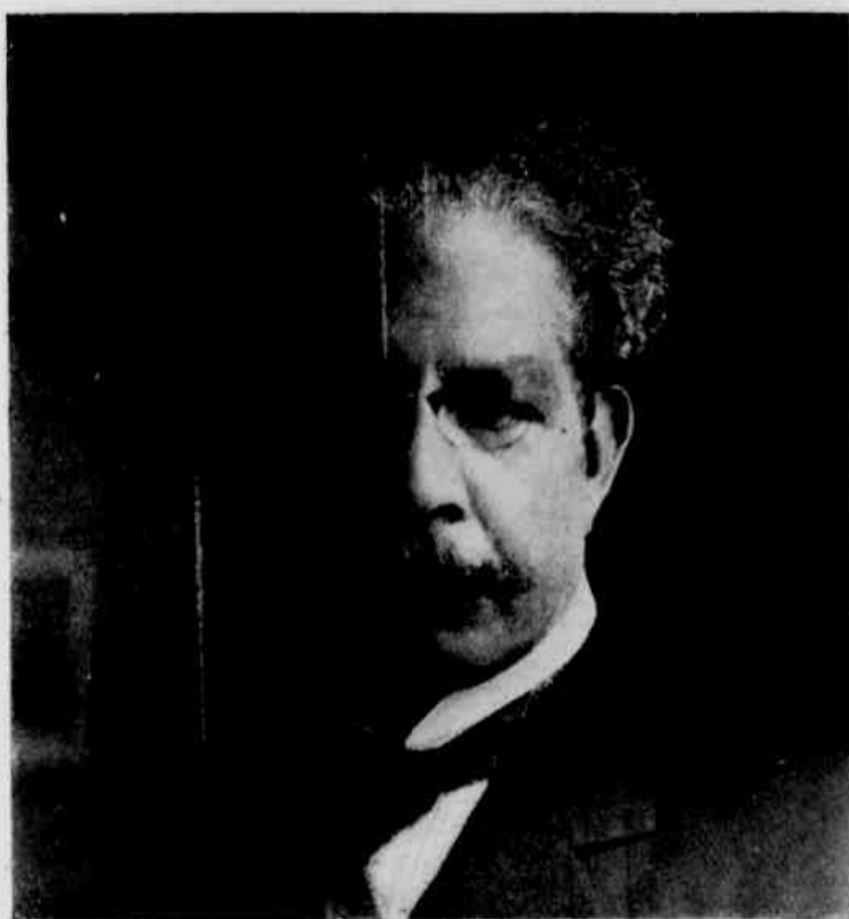
☆ ☆ ☆

Reappareceu ao seu publico, no Carlos Gomes, a fes-tejada actriz Alda Garrido, que se acha restabelecida.

Comm. Mario Sammarco, director artistico da Companhia Lyrica, do Theatro Municipal.

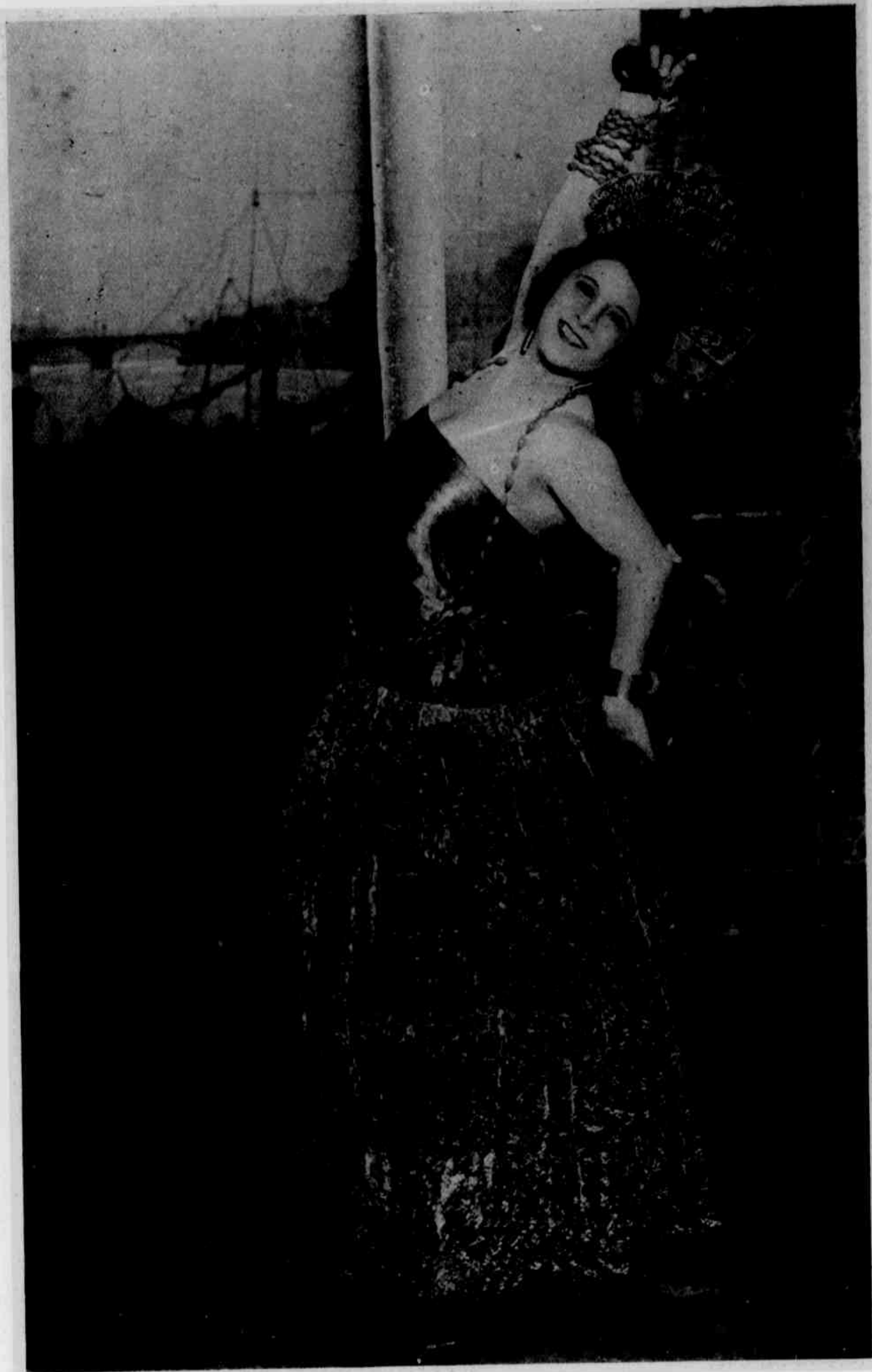
A soprano Hina Spani

O barytono Carlo Galeffi, um dos artistas mais queridos do publico do Rio de Janeiro.

Na proxima 2ª feira, a Companhia Lyrica, da Empreza Walter Mocchi, que está fazendo a temporada official no mais bello theatro da cidade, cantará a opera Jupyra, *do querido compositor patricio Francisco Braga.* Jupyra *será posta em scena pelo Comm. Mario Sammarco, director artistico da companhia. A regencia foi entregue a Gino Marinuzzi, o grande chefe de orchestra. Dos papeis femininos encarregaram-se as sopranos Hina Spani, que fará a protagonista, e Lydia Salgado, que fará o papel de* Rosalia. *A parte masculina ficou a cargo de Carlo Galeffi, no* Quirino, *e do tenor John Sullivan, no* Carlito.

Maestro Francisco Braga

Tenor John Sullivan

A soprano brasileira Lydia Salgado

Maestro Gino Marinuzzi

Eugenia Galindo, no quadro "A Feira de Sevilha", da revista *La Tierra de Carmen*, o maravilhoso espectaculo com que a Companhia Velasco encanta, todas as noites, a gente carioca, no Theatro João Caetano.

UMA DÃNSARINA

DE SANGUE AZUL

A PRINCEZA RUSSA

DRUBERKOFF

As inconstancias da vida levaram uma filha da Russia, da antiga côrte do maior dos imperadores, a abraçar a carreira de bailarina para não morrer de fome.

O seu nome é princeza Druberkoff, chegada ha pouco ao Rio, pelo paquete Duca degli Abruzzi.

Fez ella seu curso de dansa com Pavlowa, durante dois annos, em varios theatros da Europa. Com a guerra e a situação politico-social da nova Russia, tudo perdeu, até os seus progenitores que foram massacrados pelos dirigentes do soviet actual.

Sob a nova situação, ella descrevê os momentos tragicos, com palavras cheias de sentimentalismo e paixão.

Recanto de Paquetá

TERRA CARIOCA

PAQUETÁ

A pittoresca ilha de Paquetá, onde Macedo cantou o amor de D. Carolina, tem uma historia que possue raizes em épocas remotissimas. Em poucas palavras vamos mostral-a aos leitores.

Metade de sua area foi, por sesmaria de 10 de Setembro de 1565, doada a Ignacio de Bulhões, mais tarde, tambem por sesmaria, foi a outra metade dada a Fernão Baldez em 11 de Novembro de 1566. O padre Manoel Antunes Espinha, autorisado por uma provisão de 29 de Dezembro de 1697 fundou a Capella dedicada a S. Roque que foi benta em 24 de Novembro de 1698. Monsenhor Pizarro, historiando a sua fundação, diz-nos: "Como distasse mais de duas a tres leguas do mar, a Parochia de Magepe (então creada no curto Templo da Piedade Velha), a quem pertencia, para facilitar ao Povo ali morador o recurso dos Santos Sacramentos, concedeu-lhe o Bispo D. Frei Antonio de Guadelupe o privilegio de Pia Baptismal, e o de conservar a Extrema Uncção, em visita de 17 de Novembro de 1728: e D. Frei Antonio do Desterro, augmentando-lhe aquellas graças, permittiu-lhes tambem conservar perpetuamente o SS. Sacramento da Eucharistia em Sacrario, creando-a Capella Curada, de que foi 1° Capellão o Padre Antonio Ramos de Macedo, provido a 26 de Fevereiro de 1761".

Como se vê, está claramente demonstrada a origem da vetusta capella onde annualmente se realiza a mais bella e tradicional festa da Ilha; festa que chama a população dos mais afastados arrabaldes do Rio de Janeiro, apezar dos atropelos occasionados pelo ordinario meio de transporte fornecido pela empreza que monopolisa tal serviço.

No extremo opposto da Ilha, erigiu Manoel Cardoso Ramos uma outra Capella sob a invocação do Senhor Bom Jesus do Monte.

Havendo a população da Ilha supplicado ao bispo D. Antonio do Desterro, a creação de uma parochia na capella, foi, por edital de 21 de Junho de 1769, creada a freguezia, sendo nomeado vigario, por provisão de 26 do mesmo mez e anno, o padre José da Silva Furtado. Subordinadas á nova freguezia ficaram as ilhas do Brocoió, Braço-Forte, Pancarahyba, Ferro, Redonda e outras. Até 1833 pertenceu ao municipio de Magé, passando depois ao Districto Federal, então côrte do Imperio. Na pittoresca Paquetá, hoje em dia bem pouco se ouve falar no nome de um velho bemfeitor da Ilha: o commendador Lage; ou quando o pronunciam, em virtude da rua que tem o seu nome, o fazem na ignorancia dos beneficios prestados por elle. Antonio Lage, seguindo o exemplo de seu pae, muito fez pela graciosa Paquetá. Um dos seus maiores beneficios foi a construcção do actual templo do Bom-Jesus, que custou mais de duzentos contos; o seu estylo é o gothico. Pertencente ao velho commendador Lage, existiu em tempos um magnifico e rico horto, onde as plantas mais raras se desenvolviam de uma fórma assombrosa; nelle existiam em plena exuberancia as Cattleijas, as burlingtonias e militonias, brassavolas, bromelias, maxilarias e stauhopeas. Uma chronica de Ferreira da Rosa registra a existencia das mais formosas parasitas.

Assim se refere o chronista, a respeito de tantas bellezas: "Dobrada ao peso de 12 cachos florescentes, 12 cachos auri-lacteos, dignos presentes de Flora a todas as deusas do paganismo. E tinhorões, avencas, epiphidios, e dezenas de curiosidades botanicas ali vivem carinhosamente tratadas sob um caramanchão enorme de aromaticos jasmins."

Nos dias de hoje nada disso existe. As magestosas arvores são friamente sacrificadas, as arvores que abrigaram Dom João VI, José Bonifacio e a travessa D. Carolina — a Moreninha encantadora personagem do livro mais emotivo para as creaturas romanticas dos nossos dias... As bellezas da pittoresca Ilha pouco a pouco desapparecem: as pedras que, como um grande collar, a circumdavam, têm sido destruidas pela dynamite; as praias, sem o menor respeito pela poesia e utilidade, têm sido inutilizadas por um horrendo caes de cimento; os coqueiros caracteristicos, de talhe esbelto, são derrubados a cada hora, sem causa justificavel! As praias do Catimbão, Comprida, dos Frades, da Ribeira, Imbuca, Grossa, do Estaleiro e da Guarda, mereciam ser vistas pelo grande encanto que possuiam; eram verdadeiramente maravilhosas e inspiradoras de obras de Arte e das serenatas em noites de lua cheia. Paquetá foi o exilio de José Bonifacio. O patriarcha da nossa Independencia tendo sido preso no paço Imperial e "demittido do cargo de tutor de D. Pedro II, processado pelo governo da regencia como suspeito de restaurador, foi, então, para a ilha de Paquetá, indifferente á marcha do seu processo; a sua vivenda tornou-se um verdadeiro retiro do sabio que tratava de pôr em ordem os seus trabalhos scientificos e as suas collecções mineralogicas. Intimado para nomear defensor, respondeu simplesmente: "Não tenho que me preoccupar com semelhante causa, deixo a tarefa da minha defeza a qualquer cidadão honrado que queira incumbir-se de representar os meus direitos." (1)

ERCOLE CREMONA.

(1) "Rio de Janeiro em 1900"—F. da Rosa.

Aspectos de Paquetá

FRIVOLIDADES

— Sabes? Hontem, no Gloria, *alguem me disse*
Que tu tinhas falado mal de mim.
— E tu acreditaste? Que tolice...
Falar, por que motivo? Com que fim?

— Que eu era leviana e que flirtava
Com todo mundo, quasi sem pensar
(E quem dizia, se deliciava
Com a amargura que eu punha em meu olhar)

Que eu era varia como um catavento,
Varia e desleal tambem,
E, emfim, que eu não possuia sentimento
Para amar a ninguem.

Ora, se ha neste mundo uma pessoa
Que não póde dizer isto de mim,
E's tu que sabes quanto a vida é boa
Para quem soffre como eu soffro assim.

Tu falar mal de mim! E' quasi incrivel!
E eu que pensei... — Mas, filha, essa abjecção
Não deve ser ouvida. O que é impossivel
E' que tu acredites nesse cão.

— Mas esse cão é teu amigo. Mora
Comtigo e sabe os passos que tu dás.
Elle falou tambem numa senhora
Bonita, de olhos grandes e fataes.

Que te procura e que te telephona,
Marcando encontros vagos por ahi...
Quem é? — Eu não conheço a tal persona...
Esse sujeito quer zombar de ti.

Põe nos meus olhos teu olhar profundo:
Não vez nada lá dentro? — Tens razão...
Vejo... vejo o meu vulto lá no fundo
Emmaranhado no teu coração...

JOÃO DA AVENIDA

FELICIDADE...

O homem que inventou a primeira anecdota era gordo e feliz. Sobretudo, era muito feliz, e ria desabaladamente. Ria tanto que suas feições não raro se congestionavam, e todos temiam que o homem arrebentasse.

Ignoro se o homem arrebentou. Sei, porém, que deixou uma porção de filhos, e que esses derramaram pelo mundo a graça do homem gordo.

Quantas pessoas, hoje, se dedicam á profissão de contar anecdotas! Milhares e milhares. E taes pessoas são extraordinariamente felizes e gordas. Gordas por dentro ou por fóra, e todas felizes, muito felizes, pois nada mais delicioso que uma anecdota...

Tapando a bocca do proximo...

(Desenho de Di Cavalcanti)

Contar anecdotas talvez seja o unico meio de ser feliz... Ou talvez não seja. Talvez não haja nenhum meio de ser feliz. E talvez haja uma porção delles...

CARLOS.

✣

Que é o mundo para um coração sem amor?
O mesmo que uma lanterna magica sem luz: collocae a lampada, e logo as mais lindas imagens se desenham na parede.

GOETHE.

✣

A mulher que realmente quer recusar, diz apenas não; quando entra em explicações é porque quer ser convencida.

A. DE MUSSET.

A pagina de Siobinette

NA BERLINDA

(ENTRE ELLES E ELLAS)

A voz quente e seductora de graves sonoridades de contralto empolgava o auditorio com a evocação choreographica dos tempos mais remotos aos mais hodiernos. E Terpsychore passava, resplandecente como um idolo nas dansas religiosas e mysticas da India; vestida do chiton *grego, a cabeça em delirio entre cachos de uva e folhas de vinha, nas festas de Baccho; regrando os passos harmoniosos ao som da flauta dupla e dourada, como dansarina de Pompeia, empoada, de* paniers, mouche *e* falbalas, *na aristocratica leveza dum minueto* XVIII siécle; *em traje de andaluza estonteante e* salerosa, *de vivacidade concorde á alegria irrequieta das castanholas; e ainda na graça duma veste napolitana, a bailar a tarantella, brusca e lyrica a um tempo.*

E nem o desengonçado cake-walk *nem o requebrado* maxixe *foram esquecidos pela formosa conferencista, de cuja voz muitos pensaram ao sahir:*

E assim se guarda na vida
Entre mil vozes, e empós
De outras mil vozes ouvida
Uma voz.

Notou, porém alguem que a voz cheia, clara e dominadora pareceu perturbar-se e vacillar commovida, (por sua vez dominada) quando a evocar a dolencia encantadora do tango argentino.

Os seus grandes olhos fixos diziam então uma profunda nostalgia e a voz longinqua de somnambula como que parecia sonhar alto.

A sombra foi definida por Mantegazza como o "éco da forma" e é nesse mundo falho e illusorio a muda e constante companheira, infallivelmente a ultima a nos abandonar.

Sem distincção e desinteressadamente segue ella o rico e o pobre, o mundano e o solitario.

Pois aquelle fino poeta tem tambem uma sombra que por toda parte o acompanha.

Mas, ao contrario do que acontece aos outros mortaes que têm a sua sombra vagamente definida em movel grisaille, *obteve o poeta dos deuses* une gracieuse petite ombre, *em tons luminosos de neve e ouro e que não reproduz com justeza a sua alta estatura.*

E assim, branquinha e loura, anda a sombrinha reduzida e linda do poeta a seguil-o em todos os passeios e theatros, surprehendendo aos que o conheceram reunindo a seu bello talento um admiravel bom senso tambem muito apreciavel.

E tão extraordinaria é a naturalidade com que substituiu a legitima companheira por aquella galante creaturinha, que ninguem a imagina senão a sombra luminosa do poeta ou o seu aureo sosie. *Ou quem sabe então, se uma loura musa descida do Parnaso em demorada visita ao seu vate?*

Privilegio concedido talvez por Apollo a um seu devoto e perfeitamente comprehensivel.

Unicas conjecturas admissiveis quando não se trata d'um simples burguez ou d'um

Mlles Maria Veiga e Beatriz Veiga

homem feito sómente du limon de la terre.

No vasto palco do Lyrico aquelle grupo ukraniano original e singular encantava os olhos e ouvidos dos presentes pela extranheza de seus trajes multicôres e pela bizarra harmonia dolente que erra em toda a musica slava.

Os côros unisonos, concordes, pareciam ás vezes uma unica voz languorosa ou forte, lembrando outras o ciciar ligeiro e debil de vozes infantis ou o tenue e leve roçar d'azas impalpaveis de elfos.

Maior porém foi o encanto do auditorio, quando aquelles instrumentos vivos, em tremulos de violinos, agudos de flauta e graves sons de violoncello, executaram aquella slava e doce canção do berço: Arrulhando.

Fazia o solo uma joven de physionomia triste na sua veste alegre de tons vivos, a grinalda de flores campestres a formar-lhe um diadema touffu *donde pendiam longas fitas* bigarrées.

Olhos fixos no regente, mão quieta sobre o peito immovel de attitude como uma boneca exotica, ella arrulhava numa voz funda de nostalgia a doce canção do berço, sentida e comprehendida por todo coração de mulher, em qualquer idioma que cantada seja.

Natural assim pensassem tambem aquellas tres jovens mamães, que, em frizas não muito distantes, tinham um sorriso vago e docemente enlevado, o ouvido attento a ver se guardariam a linda berceuse *para o encanto dos seus* gatés *e lindos* bébés du centenaire.

Pois lindos serão de certo, se forem as respectivas miniaturas daquellas tres elegantes mamans, *herdando um a linda cabecinha de marquesita seculo XVIII a que não falta nem a* mouche; *outro, o encanto da formosa e* dulce morocha *e o terceiro, aquelle classico e adoravel perfil de belleza* hellena.

Enlace Adelaide Soares — Dr. Couto e Souza

Na festa em commemoração do 5º anniversario do Centro Maçonico e da Loja "Brasil". Ao centro, o Dr. Mario Behring, Grão Mestre da Maçonaria Brasileira e o Sr. João Drumond Camargo, secretario geral

MUNDANISMO

Apezar da chuva inclemente, não deixou de ter o brilho habitual a bella recepção dansante de sabbado ultimo, no palacete Murtinho.

No Copacabana Palace Hotel. Almoço offerecido ao Dr. Amaury de Medeiros

Durante as ultimas corridas do Jockey Club

Em Pelotas, Rio Grande do Sul: professor Andino Abreu, artista cantor de raro merito, sua Exma. senhora e as filhinhas do casal: Maria e Helena

Passado o seuil *encantadoramente acolhedor da linda moradia, e atravessada a sala de entrada, em cujo sombrio* décor *de jacarandá se destaca um busto branco da Récamier, logo encontrámos Laurinda Santos Lobo, a amavel e graciosissima* hôtesse *do magnifico solar. E o mesmo* charme *que nos havia prendido minutos antes deante daquelle marmore, evocador da adoravel* enchanteresse *de l'Abbaye-aux-Bois, foi o que de nós se apoderou, quando perto da encantadora e fidalga* creatura, au sourire bienveillant.

Foi presentindo de certo a sua affinidade com a seductora parisiense da época do Directorio, por seus contemporaneos chamada "La Madone de la Conversation" que Laurinda a collocou, como padroeira do seu foyer, *em sua sala de recepção.*

Explicado, pois, por esse duplo prestigio o encanto das recepções do salão Santos Lobo, onde reina a graça incomparavel de Laurinda e vaga o espirito subtil da famosa "Merveilleuse".

Ali presentes vimos: Mme Alberto B. Paes Leme, Mme Heloisa de Figueiredo, Mme Jorge Murtinho, Mme Jorge Franco, Mme Coelho Lisboa Rademaker, Mlles Proença, Mlle Raul Veiga, Mme Arthur Moss, Mme Dias Vieira, Mlle Glorinha Rocha, Mme Waldemar Bandeira, Mme Austregesilo, Mme Fern. Magalhães, Mme Souza Bandeira, Mme Mendes de Almeida, Mme Oscar Lopes, Mme Alberto Torres, Mlle Aida Brito, Mlle Netto Teixeira, Mlle Yolanda Coelho, Mme Bica de Almeida, Mme Jenny Amaral, Mme Thedim Murtinho, Mme Luiz Paes Leme, Mlle Gasparoni e Mlle Elza Santos. E os Srs. Alberto de Faria, Estacio Coimbra, Ataulpho de Paiva, Fernando de Magalhães, Mauricio de Lacerda, Freitas Valle, Jorge Franco, Humberto Gotuzzo, Alberto Paes Leme, Leopoldo Gotuzzo, Dias Vieira, Edmundo de Oliveira, Luiz Paes Leme, Sebastião Sampaio, Antonio Bastos, Oswaldo Lindgreen, Francisco Passos, Roberto Brandão, Mario Gasparoni, Helio Pederneiras, Alvaro Teffé, Bailly, e outros que nos foi impossivel annotar.

SNOBINETTE.

✣

A mulher modelo de fidelidade não deseja pertencer a mais de um; mas desejaria que, por isso, todos os outros morressem de dôr.

A. KARR.

✣

Na vida de um artista, a mulher póde não ser uma voz que fale, mas deve ser, ao menos, um éco que responda...

RODENBACH.

Cinema Para todos...

Chronica

As impressões de um cretino

Fuão Fernandez, que parece ser o director de um papel que se publica em Buenos Aires intitulado La Pellicula, *passou, faz tempo, aqui pelo Rio de Janeiro. Ninguem soube da novidade e mesmo não era coisa que tivesse importancia essa passagem. Andou elle por ahi, pelos bairros da Saude e adjacencias naturalmente, comeu em um dos muitos* freges *onde se regala o honrado trabalhador braçal, perambulou refestelado em um* taxi *vagabundo, pilotado por algum seu patricio, dos muitos que fazem aqui profissão de* chauffeur *e depois disso escreveu para a sua folha de couve o seguinte artigo:*

Rio de Janeiro sigue siendo "a melhor cidade do mundo". — El gerente de la Fox Film, señor Rosenvald. — El cine en Santa Cruz de Tenerife.

Por juzgarlas de interés y constituir una nota amena, entresacamos de una carta que nos envia el director de La Pelicula, *señor Francisco Fernández, algunos apuntes en que se recogen sus impresiones de viaje, en lo que respecta a Rio de Janeiro y Santa Cruz de Tenerife.*

"Hemos estado diez horas en Río de Janeiro, tiempo adecuado para conocer a vuelo de auto (no de pájaro) esta linda ciudad que es por ahora la sede del señor Natalini. Este, siempre elegante, nos hizo un recibimiento principesco. Creo recordar que en el momento del desembarco sonaba alguna banda de música. Estuvimos en las oficinas de Natalini, que dan idea de sus venturosos negocios. Luego nos acompañó por la ciudad, que como se sabe, es de una belleza natural admirable. En un auto guiado por un moreno acentuado recorrimos las avenidas principales: Rio Branco, Beira Mar y otras. Es tan maravilloso Rio desde el punto de vista panorámico como atrasado edilicíamente. Las calles estrechas y de estilo portugués abundan; pero la impresión que pueden dar es borrada por el chauffeur cicerone, quien nos ilustra:

— Ista "rua" e a melhor do mundo.

Y luego en otra:

— Ista outra e a mais comercial do mundo.

Más allá, exclama:

— Aqui está o "morro", mais lindo do mundo.

Llega el momento de comer, y naturalmente nos conduce al restaurant "mejor del mundo". Y la comida es tan buena que gastamos luego bastante bicarbonato.

Hemos observado un poco el ambiente del film. Estuvimos con el señor Rosenvald, de la Fox, que es un perfecto caballero. Las cintas de esta marca son las que mejor se colocan en plaza debido a las gestiones del señor Rosenvald. En general el espectáculo cinematográfico está menos adelantado que en Buenos Aires; pero de todo es posible consolarse, teniendo en cuenta que aqui todas las cosas "son lo mejor del mundo."

A gente no artigo não sabe o que mais admirar, se a imbecilidade, se a grosseria. E' o rastacuerismo, *afinal... Este Fernandez é um alho.*

OPERADOR.

Alice Calhoun

A NOSSA CAPA

Lucille Carlisle é a *leading-woman* e ultimamente esposa de Larry Semon, o grande comico que acaba de deixar a Vitagraph e ser contractado pela Truart com um salario formidavel. E, como nunca passou aqui um film seu, não podemos conhecer a sua interessante *partenaire*, que foi a primeira pessoa que até pelos jornaes declarou formalmente que os films allemães, posto que admiraveis, não conquistariam o mercado mundial... isto quando os americanos temiam, de facto, a invasão allemã. E' uma rapariga culta que analysa com acerto todos os importantes assumptos cinematographicos. Uma vez a sua irmã Helen levou Herbert Howe para entrevistal-a, mas o popular entrevistador das *estrellas*, que naquelle tempo trabalhava para o *Motion Picture Magazine*, ficou tonto com a sua sabedoria. E diz elle que a unica phrase interessante para os leitores que lhe arrancou foi ao referir-se ella á vantagem de trabalhar em comedias. "Gosto immenso de trabalhar em comedia. E' a exaggeração do drama !" O seu nome verdadeiro é Lucille Zintheo, ou melhor, Lucille Semon...

☆ ☆ ☆

Em *The Noblest Roman*, o proximo film de Herbert Rawlinson para a Universal, figuram Beatrice Burnham, Tom Mac Guire, Melbourne Mac Dowell, Kalla Pasha, George Marion e Margaret Morris, uma estreante a quem chamam a futura Valentino feminina !

☆ ☆ ☆

Quando "Hoot" Gibson renovou o seu contracto com a Universal, estipulou que todas as reclames dos seus films deveriam trazer o nome verdadeiro que é Edward Gibson, deixando entretanto, ainda durante um anno, o seu appellido Hoot entre parenthesis. Os exhibidores, porém, allegando que o seu appellido já estava popular e era suggestivo, não gostaram da historia e o resultado é que o risonho *western* foi obrigado a concordar com a permanencia do seu appellido. Carl Laemmle, que já antevia tudo isto e que lhe chamou a attenção antes, ficou radiante !

☆ ☆ ☆

Com Viola Dana no seu novo film *The spirit of the road*, dirigido por Oscar Apfel, figuram Warner Baxter, Rosemary Theby, Mabel Van Buren, Robert Shable e Leo White.

☆ ☆ ☆

Billie Dove, a linda artista que o Rio já conhece immenso, será a *leading-woman* de "Hoot" Gibson em *The Extra man*. James Neill e William E. Lawrence tambem tomam parte neste film.

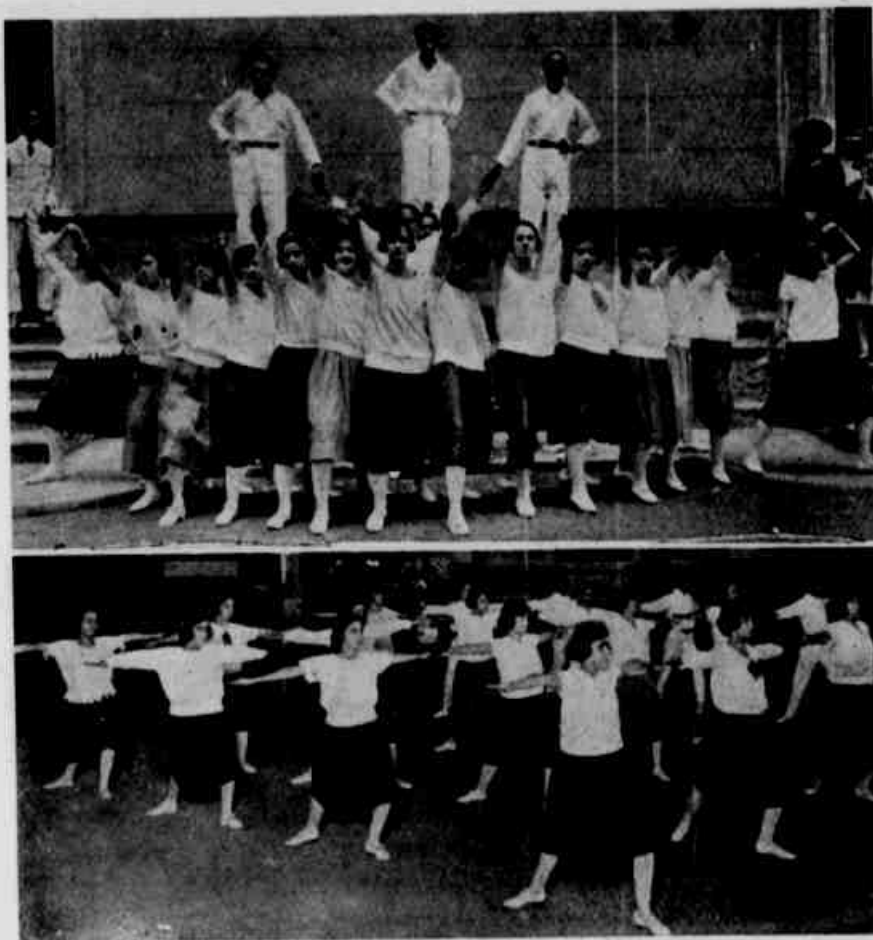
A direcção da Escola Normal: ao centro, o Dr. José Rangel — Uma turma de gymnastica.

"PARA TODOS..." NA ESCOLA NORMAL

Realisou-se, a 20 de Setembro, no pateo da Escola Normal, uma bella festa. O professor de Hygiene, Dr. Aramis de Mattos, fez uma conferencia que foi um verdadeiro triumpho de oratoria. Após a prelecção, seguiu-se a parte pratica de gymnastica, a cargo do habilissimo professor Mario Aleixo.

Os exercicios foram realisados com grande felicidade.

Houve canticos e discursos, muito applaudidos.

Visivelmente satisfeito, levantou-se o Dr. José Rangel e agradecendo aquellas manifestações em termos de rara felicidade fez sentir a necessidade da cultura physica e da Hygiene, cujo ensino desejava impulsionar. Novas palmas coroaram as palavras do erudito Director. E a festa terminou com extrema satisfação de quantos tiveram a ventura de poder assistil-a.

Exercicios de gymnastica

AULA DE HYGIENE PELO DR. ARAMIS DE MATTOS

◇

Felizes as mulheres que podem dominar-se a ponto de supportar a vida das vestaes! Mas, é mais feliz na terra a rosa colhida do que aquella que morre na haste, sem nunca ter vivido realmente. — SHAKESPEARE.

◇

Uma boa pessoa, na bocca das mulheres, é uma outra mulher que tem a bondade de não ser bonita. — MARIVAUX.

◇

Os apaixonados são como as creanças: basta embalal-os um pouco para que adormeçam. — SAINT-EVREMOND.

Dois instantaneos da assistencia á festa do dia 20 de Setembro na Escola Normal.

DE SÃO PAULO

A senhorinha Helena é um dos maiores encantos dos nossos salões. Bella, joven, espirituosa, attrahe para o logar em que se encontra todos os almofadinhas e não almofadinhas presentes. Aquelles para admirarem a sua graça e estes para ouvirem a prosa excellente que a senhorinha Helena, ella só, é capaz de alimentar. Uns e outros, porém, temem a malicia com que ella tempéra as suas phrases indirectas que vão directissimamente ao fraco dos que a interrogam, atirando-os muitas vezes para além das fronteiras do ridiculo. Ella, todavia, faz isso, não porque seja perversa, mas, naturalmente, como por um instincto de defesa contra os ataques desses nescios pelintras que hoje enchem os nossos salões e que, para mostrar um espirito que não podem ter, pela sua ignorancia e futilidade, atiram contra as senhoras as lassas pilherias de que seus cerebros fatuos estão pejados. Ainda ha dias, numa reunião em casa de um illustre magistrado, achava-se a senhorinha Helena em animada palestra com o joven jornalista Monteiro Brisolla, que procurava provar-lhe por a mais b o perigo das filhas de Eva. Para isso, elle pretendia exemplificar os factos, citando Salomão, Schopenhauer e tantos outros philosophos e personagens mais ou menos importantes e doutos no assumpto.

— E' como lhe digo, minha senhora, dizia o talentoso jornalista, as mulheres, em regra, são muito perigosas...

— Em regra, muito, muitissimo; mas... ia continuar a intelligente dissertadora ante o seu interlocutor já um pouco desconcertado, quando este sem acabar de ouvil-a, continuou:

— Vou apresentar-lhe alguns argumentos que ainda mais salientarão o quanto são perversas essas criaturinhas de lindas caras e longos cabellos...

— Mas, com argumentos, mesmo que elles sejam curtissimos como as nossas idéas, eu posso provar-lhe os maiores absurdos, respondeu ella promptamente, desmentindo o celebre conceito pessimista. — Neste ponto do dialogo um conhecido moço bonito presente, todo empoado e rescendendo ainda aos diversos chopps *que ingerira havia pouco no* buffet, *interveiu com a sua piadazinha, que provocou o riso dos congeneres:*

— Então, mademozél, arranje um argumento para provar que eu sou um amphibio...

— Como não? respondeu ella, num sorrizinho que tinha tanto de encantador, como de malicioso:

O senhor é um amphibio porque vive na terra e vive na agua...

O Brisolla sorriu, a senhorinha foi dansar com o deputado Marcolino Barreto, que veiu exigir a sua contradansa e o joven toleirão foi beber outro chopp...

JOÃO DO TRIANGULO

Enlace Za'ra Braga Campello-José Medici

Senhorinha Eglantina Que'roz de Camargo, da sociedade de São Paulo

Doutorandos da Faculdade de Medicina que foram em visita a São Paulo

◇

NO COLLEGIO SANTO IGNACIO

J. C. I.

Nas ultimas olympiadas, o invejavel titulo de athleta completo e campeão collegial *coube-lhe, ainda uma vez. E foi completa a victoria, e "absolutamente" sua, a gloria.*

O mais antigo dos alumnos do Collegio é de coração a elle affeiçoado. Sentindo approximar-se a hora da despedida, achou vasia a alma... Vacillou, e decidiu ficar... E hoje o vemos quinto annista pela segunda vez.

Talvez com o fito de provar
"Que a mulata é, depois do poema camoneano,
A mais bella creação do genio lusitano,"
anda os domingos inteiros procurando nella o que ha de bom, o que ha de genial... E, na segunda-feira, triumphante, a todos, num tom confidencial, vae contando as suas descobertas...

Já é ser amante dos estudos!...

L. Y.

◇

O HOMEM COM DUAS MÃES

"Meu caro Dennis. — O ultimo desejo de meu fallecido marido, teu tio, foi que viesses para a America, viver comnosco, afim de que mais tarde herdasses a nossa fortuna. Espero, pois, com anciedade, a chegada do meu novo sobrinho. Com todo o affecto da tia Delia Bryan."

...e a mãosinha delicada de Claire,...

(THE MAN WITH TWO MOTHERS)

Film da Goldwyn, lançado em 1922. Direcção de Paul Bern.

DISTRIBUIÇÃO

Viuva O' Neill...	Mary Alden
Dennis O' Neill..	Cullen Landis
Claire Mordaunt..	Sylvia Breamer
Delia Bryan	Laura La Vernie
Ritchie	Hallam Cooley
Butler	Fred Huntley
Tim Donohue.....	Monti Collins
Clancy	William Elmer

Era o que rezava a carta, que Dennis, deixando por um momento o puxavante de ferrador, lia em voz alta para a sua mãe ouvir.

A velha irlandeza formulou as suas objecções de velha, cujo espirito se encolhia aterrado ante qualquer das duas hypotheses — separar-se do seu Dennis, deixando-o ir sósinho, ou separar-se da sua aldeia, indo com elle. Mas a promessa da herança não permittiu que o rapaz pensasse duas vezes, e no dia seguinte mãe e filho diziam adeus aos penates, aproando no oceano immenso para a grande New York.

Pisando terra firme na cidade dos

...se seus olhos não surprehendessem...

— *Talvez este papel, que achei por acaso, explique a partida brusca de Dennis.*

arranha-céos, os nossos viajantes tomaram um *taxi*, dando ao *chauffeur* o endereço da viuva Delia Bryan, magnifico palacete, cuja installação de um luxo ostensivo revelava a preoccupação de *high-life* da rica viuva.

O creado que attendeu á campainha da porta, ao ver deante de si as duas figuras exoticas, declarou do alto dos cothurnos que a entrada dos creados era pela direita; mas Dennis impertigou-se tambem e respondeu:

— Vim do condado de Ballycoole, Limerick, Irlanda, e vim para entrar pela porta principal.

Quando a *nova rica* teve deante de si os recem-chegados foi como se recebesse um tremendo golpe nas suas pretenções aristocraticas. Mas Dennis sem se aperceber do incidente apertou com effusão a mão da tia, apresentando-lhe a mãe — "a melhor mulher da Irlanda", esmagando tambem entre os seus dedos callosos a dextra de Ritchie — especie de *chaperon* social e administrador da fabrica de vimes da viuva — e a mãosinha delicada de Claire, sobrinha de Delia Bryan.

Claire sorriu com a cara que faziam a tia e Ritchie e deixou-se tambem beijar pela velha senhora com a mais encantadora boa vontade.

— Agora, disse Claire, vou conduzil-os aos seus aposentos, acompanhando-os effectivamente para cima.

Pouco depois, quando Dennis appareceu a Delia, esta perguntou porque razão havia elle trazido a mãe em sua companhia. Ora, porque era sua mãe, retrucou o rapaz.

— Mas eu queria ser tua mãe e tu, meu rapaz, não poderás ter duas mães.

— Então, tia Delia, querias que eu abandonasse minha velha mãesinha para seres a unica ?

A velha viuva, que descia naquelle momento, surprehendeu o dialogo e entrou na sala com um véo de tristeza no rosto, declarando a Delia que sentia muitas saudades da Irlanda e que ia voltar.

— Mas nós apenas acabamos de chegar, mãesinha !... exclamou o filho.

A velha, entretanto, deu as suas razões: era natural que Delia não quizesse partilhar os seus direitos materinaes... Além disso, ella não se sentia bem naquella atmosphera de luxo a que não estava acostumada e não se acostumaria e seria melhor que se fosse.

Claire, que até então ouvira muda a conversa, interveiu:

— Creio que não vaes deixar tua mãe partir, Dennis.

E eu cuidarei della, disse Claire...

— Póde estar certa que não, respondeu o rapaz, rindo.

— E eu cuidarei della, declarou pressurosa Claire, dando o braço á velha e sahindo a explicar-lhe que a sua insistencia em partir só poderia causar a infelicidade do filho.

Duas semanas passaram-se. Dennis ia rapidamente se aclimatando aos usos da nova vida, mas sua mãe era velha de mais para a metamorphose, e ao cabo desse prazo sentiu que não podia supportar os ares pretenciosos com que Delia lhe aggravava as difficuldades da adaptação. Desta vez ella deliberou que iria mesmo, e na partida do primeiro navio lá estavam todos no caes ao seu botafóra. Dennis subira a bordo com sua mãe e seu espirito era uma verdadeira pelota atirada entre as duas paredes do dilemma—a verdadeira mãe, que elle adorava mais do que tudo nesta vida, e a mãe adoptiva que lhe accenava com os milhões. Já o navio estava quasi a partir quando elle tirou do bolso a passagem e soltou uma exclamação, dizendo que o nome della fôra escripto errado e era preciso irem á terra corrigir. A velha desceu e Dennis levou-a para um ponto afastado. Pouco depois, porém, o navio apitava e afastava-se lentamente do caes. Dennis deu uma grande gargalhada e explicou a farça. E deixando-a ali no canto, elle proprio correu a misturar-se ao grupo da familia, que procurava descobrir a velha irlandeza entre os demais passageiros do tombadilho. Dennis agitou o lenço, berrou um adeus á sua mamãe e voltou em busca da Sra. O' Neill, deixando os demais na persuasão de que ella naquelle momento singrava rumo da verde Erin.

— Agora nada receies, disse Dennis á mãe, conheço um logar onde ficarás

(*Termina na pag. 48*)

SEMPRE A MULHER

Entre os da sua raça, no Egypto, Kelim Pachá gosava do maior renome e prestigio. Por isso mesmo, quando sentia estuar-lhe no sangue oriental os instinctos do prazer, abalava para o Occidente, indo procurar em Londres e Paris, discretamente, a satisfação dos seus desejos. Foi na volta de uma dessas escapadas, que Kelim Pachá teve occasião de conhecer a bordo do paquete *Khediva* uma joven americana, que foi, no decurso dos acontecimentos, a maior aventura da sua vida. Producto dos jardins de New York, Celia Thatcher era uma flor que na vivacidade e belleza das suas cores disfarçava reconditos perigos, como Kelim mais tarde verificou, com risco da sua propria vida. Nascida no East Side de New York, ha cerca de 22 annos passados, Celia creara-se e crescera como a generalidade das raparigas do East Side, mais ou menos ao Deus dará, ao leo das ruas, adquirindo assim uma riqueza de linguagem e uma experiencia da vida notaveis para uma creatura da sua idade. Aos dezeseis annos fez-se corista de segunda classe e depois de uma carreira breve e cheia de vicissitudes inscrevera-se no *vaudeville* e seguia agora para o Egypto, onde contava fazer um tremendo *successo*. E a joven actriz justificava as suas esperanças na linguagem pittoresca e imaginosa para um seu companheiro de viagem, declarando que ia ao Egypto porque, a julgar pelo que ouvira, aquillo lhe parecia uma terra morta, onde ha milhares de annos não havia uma scentelha de vida. Um emprezario nos Estados Unidos mettera-se em cabeça que os naturaes do tal paiz tinham moedas ás arrobas e que com um grupo de artistas genero *sal e pimenta* e uma *jazz-band* repinicada e fragorosa sacudiria os nervos daquella gente e arrancaria tanto dinheiro que seria preciso uma verdadeira procissão de caminhões, quando o carregamento desembarcasse em New York. A primeira coisa, pois, que o emprezario fizera fôra procural-a, porque ella tinha pimenta até num dos seus sobrenomes e com um numero especialmente composto para ella por um amigo, pouco estava se incommodando com as taes mumias de que lhe haviam dito estar o Egypto cheio. Eis em ligeiros traços a creatura com quem Kelim Pachá travou conhecimento dois dias depois do *Khediva* ter levantado ferros do porto de Liverpool. O musulmano sentiu-se immediatamente enfeitiçado pela bella graça e vivacidade da americana, e estivesse Celia em terra de mouros e teria amargurado a hora em que o destino a fizera inspirar sentimentos profanos ao senhor turco. Estivesse Celia no paiz de Kelim e antes que decorressem vinte e quatro horas da primeira scentelha amorosa e ella estaria emparedada no harem do Pachá. Ali, a bordo de um transatlantico, a coisa era outra. Kelim tinha os seus movimentos tolhidos, mas homem precavido sabia prevenir-se para as emergencias. Na presente emergencia, por exemplo, Kelim achava-se fortalecido com a presença no seu sequito de um *gentleman* de nome Reginald Stanhope, typo perfeito de inglez degradado, *páo para toda obra*, caracter que seria definido com propriedade pela designação de chacal humano. A Natureza, por motivos que só ella conhece, reveste as suas creações monstruosas da mais attrahente apparencia, prodigalisa-lhe dons physicos que só logicamente deveriam ser a representação sómente das almas eleitas. Tal era Stanhope, typo de homem feito para enganar a mulher incauta. Foi este o homem que Kelim chamou ao seu camarote e deu as suas instrucções. O serviço era fazer-se amar da americana, pedil-a em casamento, fazer-se seu noivo e attrahil-a ao Egypto. Ao desembarcar elle receberia novas instrucções. Por emquanto era só.

— Sabes, meu caro, que o fracasso custar-te-á a cabeça. Que Allah te proteja, portanto, disse o egypcio despedindo o seu emissario.

Stanhope poz-se em campo e tomando conhecimento do objecto designado, concluiu que nenhuma tarefa lhe seria mais grata. Conseguida a apresentação a Celia, o mandatario do Pachá entrou a cortejal-a com tal ardor que a moça, ignorante como estava da trama de que era victima, sentiu-se feliz e lisongeada e retribuiu com igual intensidade os sentimentos que acreditava inspirar. Reginald, por seu lado, achou que a presa era boa demais e no seu espirito germinou logo a idéa de *embrulhar* o Pachá.

Entre os passageiros havia um joven americano, Daniel Boone, que fizera toda a guerra, donde voltou com a saude fortemente abalada, iniciando.

(ALWAYS THE WOMAN)

Film da Goldwyn, lançado em 1922. Direcção de Arthur Resson.

DISTRIBUIÇÃO

Celia Thatcher...	Betty Compson
Boone	Emmy Johnson
Mrs. Boone.......	Doris Pawn
Kelim Pachá......	Macey Harlan

ao ter baixa, uma serie de viagens pela Europa em busca do restabelecimento. Em Paris conhecera Kelim Pachá, e sua esposa, secretamente apaixonada pelo musulmano, induzira-o a tomar passagem no mesmo vapor, sob o pretexto de que tal viagem lhe faria bem. Boone não tardou a convencer-se de que Stanhope era um perfeito patife e que a sua côrte a Celia occultava designios inconfessaveis; resolveu, por isso, cultivar a amisade da rapariga, afim de protegel-a. Celia acceitou as *ouvertures* de Boone e com um *élan* que, fosse Boone solteiro e Stanhope estaria *knock-out* em poucos *rounds*. Tudo isso era percebido pela esposa de Boone, despertando-lhe violento ciume contra Celia.

Era tambem viajante do *Khediva* um egypcio: Mahmed de nome e mago e vidente de profissão. Uma noite em que Celia divertiu os passageiros com uma dansa egypcia, Mahmed concentrou-se e teve uma visão. Era a dois mil annos passados, e elle viu Celia numa incarnação dessa epocha, como a rainha do Egypto, Meco-Tokris. Mezes antes Mahmed descobrira num antigo tumulo um valioso collar que pertencera a Meco-Tokris, e, espirita como era, fizera o voto de devolver a joia á sua legitima dona, o que não seria difficil, visto que a rainha devia estar reincarnada na terra. Assim, logo no dia seguinte, Mahmed foi a Celia, contou-lhe o que descobrira em virtude

Viu-a como rainha do Egypto...

... fez-se corista ...

das suas faculdades especiaes, accrescentando que Kelim, Stanhope e Boone haviam representado papel importante na tragedia de sua vida.

Celia fez-se séria ouvindo a historia do homem. Por momentos os seus olhos se abriram admirados, mas, de repente, soltou uma gargalhada sonora que desconcertou o mago. Ora, onde é que elle havia ido desencavar essa historia de ter ella sido rainha do Egypto... Sonseiras ! Fosse contar as suas caraminholas em outra parte, prégar em outra freguezia... Olhasse bem para a cara della... Ah, ah, ah ! A torrente de expressões pittorescas e zombeteiras da moça deixaram Mahmed perplexo; por fim elle murmurou:

— Será possivel que Vossa Magestade não acredite ? ! que recuse o precioso collar e a riqueza immensa que lhe pertence ? !

A' palavra *riqueza* Celia prestou attenção, arregalou os olhos ainda mais e declarou que isso sim, agora começava a comprehender melhor o homem. Onde é que estava a *massa* ? — Vamos até lá, falou a rapariga.

Esquecendo-se Mahmed de recommendar segredo a Celia, ella deu com a lingua nos dentes e todos os das suas relações ficaram logo informados das revelações do vidente.

Boone limitou-se a dizer: "maluco"; Stanhope sorriu e deu de hombros; mas Kelim, conhecendo alguma coisa de reputação de Mahmed nos mysterios do occultismo, levou a coisa a serio e entrou desde logo a planejar uma expedição ao deserto: precederia Celia ao local do thesouro e, uma vez ali, apanharia não só a riqueza como a mulher que desejava. "Ouro sobre azul", murmurava contente o musulmano, esfregando as mãos.

Logo que o *Khediva* aportou ao Egypto, sob a direcção de Mahmed, formou-se a caravana, da qual faziam

Vestida á antiga Egypcia...

parte Kelim, Boone e Stanhope, e puzeram-se elles a caminho do deserto.

Depois de quatorze dias de marcha, a comitiva encontrou um templo da mythologia egypcia e Mahmed disse a Celia que ella devia vestir-se á antiga e fazer um sacrificio ao deus Isis, afim de propiciar a expedição. E' escusado dizer que para todos os da caravana, Mahmed era o chefe cujas ordens não se discutiam. A cerimonia do rito pagão foi pois realisada.

Vestida á antiga egypcia, Celia sacrificou ao velho deus do Nilo, representando Mahmed de sacerdote. Ao cabo de uma hora de cerimonial, o homem deu por concluido o voto propiciatorio e a caravana proseguiu.

Durante muitos dias a viagem fez-se sem incidente digno de nota, até que o encontro de um *oasis* fez os viandantes pensarem no repouso de que já estavam bastante necessitados, após tão longa caminhada entre areia e sol.

Kelim aproveitou essa alta para avançar um passo na senda das suas intenções — fazer de Celia a sua mulher n. 25. A joven americana repelliu a "honra" do Pachá e isso só serviu para augmentar ainda mais a chamma do desejo no sangue do oriental. Kelim segurou-a procurando beijal-a á força, e Celia, luctando, resistindo, gritou pedindo soccorro ao seu noivo.

Stanhope acudiu, effectivamente, mas a rapariga teve o assombro de verificar, pela attitude do rapaz, a especie de villão por que até então ella se deixara illudir. Em vez de soccorrel-a, Stanhope prestava mão forte ao seu amo. Aconteceu, porém, que os gritos da moça foram ouvidos por mais alguem e, quando ella já perdia o animo, surgiu a figura de Boone de revólver em punho. A' sua entrada na tenda, Stanhope tentou embargar-lhe os passos, mas recebeu a resposta num punhaço vigoroso de Boone que o fez rolar a distancia. Sob o alvo da arma do intruso, Kelim baixou vagarosamente as palpebras, disfarçando a contracção que a colera lhe punha no rosto. Conservando Stanhope sob o cano do revólver, Boone determinou a Celia o que ella devia fazer, e alguns minutos depois, de pés e mãos atados, Kelim Pachá era prisioneiro á mercê de Boone, que assumia o commando da caravana e ordenava a continuação da marcha. Desse momento em deante tudo parecia correr ás maravilhas a Boone e Celia, que ignoravam os máos pensamentos em germinação no espirito do peor dos seus inimigos — a propria esposa de Boone. Cega pelo ciume do marido com a artista americana e planejando vingar-se, a Sra. Boone despachou um mensageiro secreto a um chefe beduino das visinhanças, informando-o da marcha da caravana e do fim da viagem. Não se passava muito tempo, e todos os membros da comitiva eram aprisionados e levados á presença do beduino. Ao vel-o Kelim reconheceu-o; era um homem a quem elle prestara em tempos valiosos serviços. O resultado não se fez esperar: Boone ficou prisioneiro, a caravana foi libertada e Kelim assumiu de novo o commando da expedição. E as suas idéas estavam assentadas. Boone

(*Termina na pag. 47*)

Kelim enfeitiçado pela joven...

OS LIVROS DA SEMANA

O integro Dr. Manoel Euphrasio Correia, meu saudoso tio, era uma alma varonil e recta. A despeito de sua estatura agigantada, e de tal fórma que o alcunharam os adversarios politicos — o treme-terra, — *e a sua voz, ás vezes rispida porque affeita ao commando, falava com a voz, os modos, a alma e, poder-se-ia dizer, com a innocencia de uma creança, sempre que se referia á sua meninice e á formosura moral, luminosa e nobre de sua mãe. E era, então, um encanto ouvil-o.*

De uma feita, na Assembléa provincial do Paraná, num discurso repassado de doçura melancholica, declarava que, se o destino lhe não concedesse a suprema ventura de cerrar para sempre os olhos sob a suavidade do lindo ceu paranaense, ao menos lhe concedesse encontrar o leito derradeiro nessa lendaria Recife, onde a sua mocidade, "flor de lotus que em cem annos floresce apenas uma vez", mais se arreiara de aspirações e de sonhos, de flores e de risos.

Deputado que, estreando em 1871, com uma violenta oração contra o glorioso Visconde do Rio Branco, deste mereceu o seguinte conceito: "é muito agreste este Deputado pelo Paraná, mas tem muito talento", Euphrasio Correia deixou de sua vida parlamentar memoria de homem de bem a toda a prova. Membro da Commissão de verificação de poderes da Camara, em 1886, quando se reunia, pela primeira vez, a representação geral das provincias após o advento do partido conservador, coube-lhe relatar as eleições mais delicadas daquella época: a de um districto de Minas entre um conservador, seu co-religionario e seu amigo, e um republicano, e a do 2' districto do Recife, entre um liberal, adversario temivel pelo talento e pela copia de recursos de que dispunha, e um co-religionario amigo muito do peito.

Vigorava por esse tempo a lei eleitoral denominada a lei Saraiva, por ser da autoria deste illustre estadista. A lei do censo alto, pela qual o valor de um voto decidia do resultado de campanhas pacientemente planejadas e fragorosamente empenhadas. Quer o republicano, quer o liberal, haviam sido eleitos por maioria de 1 a 2 votos. Facil seria ao politico profissional, numa assembléa em que a approvação do acto estava de antemão garantida pela quasi unanimidade do pensamento partidario, degolar o adversario. O relator Euphrasio Correia dera ganho de causa aos adversarios.

Antes do parecer ser submettido á assignatura dos seus collegas, procuraram-n'o alguns deputados para demovel-o do seu proposito.

— Vocês, respondeu elle, têm dois recursos para o caso: ou fazem os demais membros da commissão, em maioria, apresentar uma emenda, que será, então, o parecer, ou me concedem a renuncia, que faço, de membro dessa mesma commissão.

— Isso não, redarguiram.

— Pois então, cortem-me as mãos. Eu não assignarei outro parecer que não seja o reconhecimento dos adversarios, porque á minha consciencia repugna o roubo da victoria que alcançaram.

— Então você é um Catão, hein, seu Euphrasio ? ! avançou ironicamente um dos da roda.

— Mas não de cera como você, volveu elle seccamente.

E, devido a essa nobre e valorosa teimosia, foram reconhecidos e proclamados deputados: por Minas, o republicano Alvaro Botelho; por Pernambuco, o liberal José Marianno.

Ainda um traço da austeridade desse caracter incorruptivel. Era Presidente do Conselho de Ministros o Barão de Cotegipe. De uma aspereza hostil contra tudo que lhe parecesse uma irreverencia á verdade ou uma offensa á justiça, Euphrasio Correia tornou-se irritadiço diante de uma monstruosidade projectada contra um dos nossos mais bravos soldados, a ponto de ter estremecidas as relações com o eminente estadista que elle chamava "o meu grande chefe".

Pouco a pouco Cotegipe foi sentindo que, occulto no interior daquella rudeza apparente, um pilão de ouro puro palpitava. E começou a affeiçoar-se-lhe e a admiral-o. E a tal ponto levou esses sentimentos de affecto e de admiração, que certa vez lhe declarou:

— Se, quando organisei o meu ministerio, o conhecesse tão bem como o conheço hoje, tel-o-ia convidado para meu companheiro de governo.

— E eu teria tido o desgosto de recusar o seu convite.

— Essa é de atordoar um frade de pedra, volveu Cotegipe com aquelle giocondino sorriso com que atravessou toda a existencia. Pois chega até ahi o seu orgulho?

— Eu não acceitaria o seu convite, porque, não tendo pratica de administração, ia ser caixeiro dos directores da repartição. E não está nos meus habitos comer pela mão dos outros.

— E se vagar uma presidencia de provincia de primeira ordem, consente na indicação do seu nome?

— Perfeitamente. E' a aprendizagem do officio.

E Manoel Euphrasio Correia, nomeado Presidente da provincia de Pernambuco, partia, dentro em pouco, para o Recife. Lá, em Fevereiro de 1888, *lembrou-se o destino de lhe fazer a vontade: offereceu-lhe o seio piedoso e amigo para abrigal-o perpetuamente...*

Nestas incursões pelo passado eu vou — guardadas as proporções entre a montanha e o grão de areia — como a Dante pela de Virgilio, guiado pela mão do Sr. Gonçalves Maia, atravez das paginas do seu livro: Horas de prisão.

Nesse interessante documento historico passa, aqui e ali, como um clarão radioso, a figura, deveras empolgante, de José Marianno, que o meu espirito invoca sempre com a mais profunda e enternecida saudade. Vejo-o na gloria magnifica dos seus triumphos, a barba sedosa, muito negra e bem cuidada, emmoldurando a mais sympathica physionomia de homem forte e valoroso na sustentação de um admiravel duello de eloquencia com o catapultuoso Gaspar da Silveira Martins. E sinto-o, mais tarde, ao meu lado, eu ainda moço, elle já velho, na communhão da mesma causa, em defesa da qual o illuminado tribuno affirmava o vigor das suas energias moraes e intellectuaes, tanto quanto a perpetua juventude de sua alma sempre aberta, sempre franca, sempre generosa.

Ha, no trabalho do Sr. Gonçalves Maia, paginas de grande relevo, taes como as de descripção de S. Paulo dos ultimos tempos da monarchia, a entrada do Rio de Janeiro, e o perfeito flagrante dos typos do velho Lisboa e Americo de Campos, de Campos Salles, de Rangel Pestana, de Antonio Bento e do Conselheiro Justino. E as ha emocionantes, como aquellas em que descreve a evasão do seu mais dedicado, mais intimo e melhor amigo Benjamin Baptista, e as em que pinta os tragicos fuzilamentos da Imbiribeira.

E' um livro bem feito esse, Horas de prisão, *e tão bem feito, que, mesmo um florianista do meu quilate, o lê com agrado e sympathia. E, além de tudo, sincero e nobre na affirmação do seu credo e da sua admiração pelos dois grandes pernambucanos, que foram José Marianno Carneiro da Cunha e José Maria de Albuquerque Mello.*

—

A psychologia dos bastidores da nossa imprensa ainda está por fazer. O que existe, é tudo fragmentario. O grande publico, o que lê, continúa a ignorar o trabalho

e o esforço que custam os melhores pratos, que elle espiritualmente saboreia todas as manhãs e todas as tardes.

Para a tarefa, apenas esboçada, da historia intima do nosso jornalismo, importam, como valioso subsidio, as "Scenas e tragedias policiaes" que o Sr. Amando Caiuby acaba, em S. Paulo, de enfeixar nas Noites de Plantão, *obra editada pelos Srs. Monteiro Lobato & C.*

São incidentes de reportagem policial — um dos capitulos mais interessantes da vida jornalistica — todos elles tão semelhantes nas cidades que se prezam de policiadas e civilisadas, e descriptos em estylo leve, que se vence sem fadiga, antes com prazer. Pelo livro do Sr. Caiuby se verifica que nada ha mais parecido do que o bas fond *de capitaes como o Rio de Janeiro e São Paulo.*

As narrativas em Noites de Plantão, *que correm, em verdade, ou desesperadoras ou divertidissimas, são feitas sem artificios e sem* trucs, *sincera e singelamente, embora possua o seu autor apreciaveis qualidades literarias, superiormente affirmadas já nos seus contos sertanejos.*

LEONCIO CORREIA.

PARA TODOS...

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

Um anno (Serie de 52 ns.) . . . 48$000
" semestre (26 ns.). . . 25$000
Estrangeiro (1 anno) . . . 78$000
Estrangeiro (semestre) . . 40$000

PREÇO DA VENDA AVULSA

No Rio.............. ⎱ 1$000
Nos Estados........ ⎰

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas
e só serão acceitas annual ou semestralmente. Toda a correspondencia,
como toda a remessa de dinheiro, (que póde ser feita por vale postal ou
carta registrada com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade
Anonyma O MALHO — Rua do Ouvidor, 164. Endereço telegraphico:
OMALHO—Rio. Telephones: Gerencia: Norte 5402; Escriptorio: Norte 5818.
Annuncios: Norte 6131. Officinas: Villa 6247.

Succursal em S. Paulo, Rua Direita n. 7, sobrado. Tel. Cent. 5949.
Caixa Postal Q.

O FILHO DO PECCADO

(Fim)

de sua filha, mas que elle não fizesse escandalo.

— Oh! a unica coisa que temeis é o escandalo, mas ficae tranquilla. Nada farei emquanto não descobrir o autor da minha desdita. Até lá não perturbarei a vossa situação social, mas, nesse dia, terei de vós a mesma compaixão que tivestes de mim. Emquanto isso, levarei Norma para a minha casa de campo e convidarei o meu amigo Tom para nos fazer companhia por alguns dias. Norma poderá levar o seu filho com ella. E' esta a nossa viagem de nupcias.

Na mesma tarde, Marshall veiu visitar o amigo, e Berkley fez o seu convite. Tom acceitou pressuroso, sem desconfiar dos maus designios do amigo. Um raio de satisfação brilhou nos olhos de Eduardo, e contente elle passou a caixa de charutos ao amigo, offerecendo-lhe uma taça de "champagne". A proposito do vinho, Tom evocou reminiscencias da guerra. Aquelle "champagne" fazia-lhe lembrar a vida das trincheiras, onde elles costumavam fartar-se do precioso vinho. Quem não se fartava era o bom Eduardo, que tinha a cabeça fraca. Eduardo confirmou: effectivamente a bebida o intoxicava.

— Ficavas como um doido, quando te excedias, continuou Tom. Recordo-me de uma vez que alguns companheiros indo á forragem, quando regressaram trouxeram uma porção de "champagne", exactamente igual a este, e como tinhamos de realisar um assalto no dia seguinte, do qual não contavamos voltar, bebemos a mais não poder. Nesse dia tu tambem pegaste firme, e pregaste-me um grande susto, pois que, de repente, disparaste a correr e eu fui te alcançar numa barraca onde havia alguns dos nossos rapazes feridos, algum tempo depois, chegando a tempo de arrancar de tuas mãos uma pobre rapariga a quem tu atacavas. Foi com grande difficuldade que consegui trazer-te de novo para o acampamento.

— Confesso que não guardo a menor recordação desse incidente, disse Berkley envergonhado. O vinho tinha feito de mim um verdadeiro bruto. Tu m'o disseste no dia seguinte, quando voltei á "calma".

— Na verdade, concordou Tom, não fosse a intoxicação, e eu não veria attenuante para a tua proeza. Não cheguei a ver a mulher, mas imagino a impressão de horror que ella devia ter sentido. Sei apenas que, na lucta com ella, um annel seu ficou em tuas mãos. Esse annel eu o guardei, como testemunha muda do drama.

E dizendo isso, Tom metteu a mão no bolso e retirou um annel de fórma original. Aquellas recordações causavam impressão penosa a Eduardo e elle tomou o annel do amigo, pedindo-lhe que não lembrasse aquellas tristes coisas. E ahi se despediram, promettendo Tom que no dia seguinte se reuniria a Eduardo e a Norma na sua casa de campo.

No campo, a calma e o socego trouxeram um pouco de beneficio aos nervos de Norma, que se dedicara inteiramente ao filhinho que vivera tanto tempo ausente, ignorando que elle existisse. Além disso ella se abriu com o seu amigo Tom, pedindo-lhe, aliás, nada dizer a Eduardo da sua confidencia. Esse triste episodio antes de fazer Tom condemnar a moça, ao contrario, despertou-lhe ainda maiores sympathias por ella, e Eduardo viu no carinho do amigo pela esposa novos argumentos que reforçassem as suas suspeitas. Impulsivo como era, certa manhã ouvindo a voz da mulher e do amigo que conversavam no *hall*, não poude mais conter o ciume e apanhou um revólver na gaveta, encaminhando-se cego para saciar a sua vingança.

A esposa surprehendendo-lhe os passos gritou horrorisada, e elle declarou haver descoberto o autor da sua desdita: era Tom. E sem que Norma pudesse impedir, Eduardo fez fogo e Tom rolou ferido para o chão. Fóra de si, a mulher increpou-lhe a brutalidade do procedimento, sobretudo pela injustiça que elle fazia ao seu melhor amigo. Não, não fôra Tom, que era completamente extranho ao caso, e sim um soldado americano, bebedo, numa noite em que ella, nas trincheiras da Belgica, velava por varios feridos, numa cabana onde se improvisara um hospital de sangue. A' medida que a mulher falava, Eduardo ia empallidecendo até que, quando ella se referiu ao annel, elle sentia-se como se seu coração fosse paralysar.

— E' este annel? interrogou elle, afinal, mostrando-lhe a joia que tomara ao seu camarada.

— Sim! exclamou Norma, é exactamente elle! E como o obtiveste?

— Eu fui o bruto, o torpe bebedo que te violentou, tartamudeou Eduardo, agora com o rosto incendido pela vergonha extrema. E, pedindo perdão á mulher por todos os males que lhe causara, declarou que não se sentia mais com coragem de supportar o seu olhar e poria fim á sua infamia ali mesmo. Mas Norma arrebatou-lhe a arma que o homem encostara á fronte, lembrando que se mal elle fizera, o mal estava reparado, pois era agora o pae legitimo do filho e era, sobretudo, o homem que ella amava. Lembraram-se então de Tom. Este recebeu-os com um sorriso doloroso, mas em que transparecia toda a sua alma cheia de bondade.

— Sim, dizia elle, Eduardo tinha razão de desconfiar, quando ignorava a verdade.

O seu ferimento era sem importancia, declarara o medico, cuidassem portanto Eduardo e Norma da sua felicidade reciproca, que seria o remedio mais efficaz para apressar a convalescença.

SEMPRE A MULHER

(Fim)

seria executado e o mesmo aconteceria a Mahmed, depois de revelar o local em que se encontrava o famoso thesouro. Este, no emtanto recusou-se obstinadamente a descerrar os labios, apesar dos supplicios da chibata a que o fez submetter o musulmano feroz. Horrorisada ante os máos tratos infligidos ao pobre mago, Celia disse a Kelim que se casaria com elle, faria tudo quanto elle quizesse, mas poupassem o homem áquella ferocidade. Kelim acceitou a proposta e Mahmed, retribuindo a generosidade de sua protectora, prometteu ao Pachá revelar-lhe o sitio da riqueza, mas Kelim teria de jurar em nome de Allah que d'ora avante não mais incommodaria a Celia nem tentaria fazer-lhe mal. Kelim accedeu com o proposito intimo de, uma vez de posse do thesouro, despachar Mahmed para a outra vida e fazer de Celia o que seus instinctos queriam. Quanto a Boone, dar-lhe-ia morte torturante e ignominiosa, mas não havia pressa; ficaria para depois de alcançado o fim da expedição. Os secretos designios do Pachá poderiam passar despercebidos a todos, menos a Boone, por isso este concentrou o seu espirito na descoberta de um meio de evadir-se e arrebatar Celia á perfidia do ignobil musulmano. A situação, entretanto, parecia-lhe sem sahida. Mais tarde, comtudo, elle percebeu repetidos relampagos no espaço e assegurou-se logo tratar-se de signaes heliographicos (processo de communicação por meio de signaes produzidos com um espelho e os raios do sol). Boone conhecia perfeitamente a heliographia e leu que os signaes annunciavam uma patrulha britannica na proximidade. Pedindo um espelho de algibeira a Celia, elle respondeu e poz-se em communicação com o destacamento, informando da situação em que elle e a moça se encontravam. E antes que o sol entrasse os cavallarianos de S. M. Britannica surprehendiam a caravana e depois da ligeira escaramuça que se seguiu e na qual tanto Kelim como Stanhope pagaram com a vida as suas torpezas, escoltou os restantes membros da expedição até o tumulo pharaonico em que jazia a avultada riqueza. Anciosos e soffregos, Mahmed, Boone e Celia precipitaram-se no tumulo subterraneo, para encontral-o vasio e nu, tão vasio e nu de qualquer ornamento precioso, como um necroterio. Mahmed manifestou o seu desapontamento, estatelando os olhos e passeando em torno numa expressão estupida e pateta. Celia é que não se deu por achada e que se algum dia algum sujeito lhe apparecesse outra vez para dizer que ella era rainha do Egypto ou de outra qualquer terra desconhecida, que viesse prevenido, porque lhe daria a resposta *succo.*

O HOMEM COM DUAS MÃES

(*Fim*)

á vontade, sem que tia Delia desconfie da tua presença nesta grande cidade. O logar era a casa de Donohue, irlandez como elles, situada na esquina da rua em que se erguia o palacete Bryan. Aconteceu mesmo que Donohue e a viuva eram velhos conhecidos da Irlanda e, posto ao par dos acontecimentos, o homem jurou que a respeito da presença da velha elle seria cego, surdo e mudo.

— E agora, disse a Sra. O' Neill para o filho, que se despedia, como hei de fazer quando precisar de ti?

Dennis levou-a á janella e apontou-lhe a casa de Delia:

— Olha, eu de lá te estou vendo. Com este chale tu me farás signal, explicava elle. Dois signaes querem dizer "venha depressa"; tres significam "vem correndo". E partiu.

Na ligeira palestra que tivera com o hospedeiro de sua mãe, uma phrase desta lhe ficara no espirito: "Dizem que na fabrica da Sra. Bryan passam-se coisas extraordinarias". E Dennis resolveu desde logo fazer uma visita ao escriptorio da fabrica, que era dirigido pelo tal Ritchie. E na verdade, quando elle sahia dali voltava mais do que convencido de que o tal individuo era um perfeito cavalheiro de industria que estava depennando lindamente a sua tia Delia. Dennis resolveu, pois, cortar-lhe as azas e na manhã seguinte já sahiu do seu quarto vestido de operario e prompto a entrar em acção. Tomava café em baixo na sala, quando Claire appareceu, apesar da hora matinal. Travaram affectuosa palestra e pouco depois chegavam á conclusão de que dois corações jovens e candidos como elles quando se encontram lado a lado nada mais têm a fazer senão começar a eterna *chanson*. E Dennis com a sua simplicidade de aldeão e o seu temperamento celtico, provou-o desde logo beijando Claire. A maneira summaria surprehendeu, mas não afastou a moça, que naturalmente teria marcado esse dia com uma pedra branca, se seus olhos não surprehendessem Dennis a corresponder a um signal que uma mulher lhe fazia com uma *écharpe*, lá do predio fronteiro. Dennis quiz inventar uma explicação, ou talvez dizer a verdade, mas o ciume é surdo, Claire recebeu-o com arremesso e elle correu a attender sua mãe que lhe fizera dois acenos — "vem depressa". A velha não queria nada, era uma frioleira de velha mãe carinhosa, e o filho fez-lhe ver o inconveniente de qualquer imprudencia capaz de revelar o segredo. Um beijo, uns carinhos e Dennis partiu immediatamente para a fabrica, afim de iniciar as suas investigações para apurar as suspeitas contra Ritchie.

Em *travesti* de operario não lhe foi difficil penetrar no *atelier* da fabrica. Depois de observar o que se passava ali, Dennis passou-se para o escriptorio, onde foi surprehendido nas suas pesquizas por Hanson, logar tenente de Ritchie. Hanson interpellou-o, houve entre os dois uma troca de palavras rispidas que terminaram por uma demonstração de musculos de Dennis, em consequencia da qual o homem viu-se constrangido a beijar a poeira do chão. Ritchie, que chegou no momento, mordeu-se de raiva, mas achou prudente não assumir nenhuma attitude franca contra o filho adoptivo da sua patroa, mas sahindo dali apressou-se em ir á casa da Sra. Bryan e insinuou cautelosamente a esta a conveniencia de não deixar Dennis immiscuir-se nos negocios da fabrica, narrando-lhe, então, a seu modo, o que ali se passara.

Pouco depois o rapaz, que passara antes pelo quarto de sua mãe, chegava a casa e subia ao seu quarto pela porta de serviço, para se preparar para o jantar que a tia e Claire haviam preparado em honra ao seu anniversario natalicio. Mas o diabo é que elle havia tambem promettido á mãe ir jantar com ella. Dennis resolveu a situação escrevendo um bilhete á velha e mandando um creado leval-o. Em baixo Ritchie interrompeu o creado na passagem e sabendo o que elle ia fazer, tomou-lhe o bilhete, declarando que faria a commissão, pois os servi-

ços delle creado poderiam ser necessarios em casa. Quando Dennis chegou á sala de jantar, a tia e Claire esperavam-n'o contentes e puzeram-se todos immediatamente á mesa, onde figurava o tradicional bolo de anniversario. Ritchie que incluia nos seus planos de futuro a posse de Claire, sentiu o seu despeito redobrado deante das intimidades da moça com Dennis e resolveu intensificar a sua acção para a ruina do rival. O jantar corria alegre, quando, de repente Dennis percebeu o signal da *écharpe* — "vem correndo" — e levantou-se precipitadamente. Com a repetição do incidente, que ella já vira pela manhã, Claire sentiu o coração apertar-se-lhe. Ella e Delia correram á janella para se certificar de natureza dos signaes e viram que quem os fazia era um vulto feminino. Ritchie viu que o momento era azado e tirando do bolso um papel, falou com maldade:

— Talvez esse papel, que achei por acaso, explique a partida brusca de Dennis.

Delia e a moça leram a carta que Dennis havia mandado pelo creado á sua velha mãe, e deante do tom carinhoso do escripto, que não mencionava nenhum nome, ellas ficaram passadas, julgando tratar-se de alguma *sereia* por quem o rapaz estivesse loucamente enfeitiçado. De resto, do mesmo engano participava Ritchie, que exultante promptificou-se a acompanhar as damas a casa donde provinham os mysteriosos signaes. Uma vez ali, ao chegarem junto á porta do aposento da velha elles ouviram rumor de palavras e de copos que tiniam em saudação. Bateram á porta. Dennis fez a mãe esconder-se atraz de um biombo e foi abrir. Delia entrou com expressão severa, interpellou o rapaz, apontou para os dois copos, as duas cadeiras que trahiam o *tête-à-tête* de Dennis com alguem, mas o rapaz negou a presença de outra pessoa ali.

— E que é aquillo ali? exclamou Ritchie, chamando a attenção das damas para um par de sapatos cujas pontas surgiam de sob o biombo.

Dennis, com presença de espirito, informou que eram os sapatos velhos deixados por sua mãe, e, achegando-se ao biombo empurrou-os para traz. Mas a velha escorregou na cadeira e os seus pés apontaram de novo, provocando nova exclamação triumphante de Ritchie. Nesse mesmo instante um formidavel espirro da Sra. O' Neill veiu aggravar irremediavelmente a situação e Ritchie avançou para o paravento. Mas o punho vigoroso de Dennis barrou-lhe o caminho, mandando-o ao chão num safanão violento. E como não houvesse mais possibilidade de manter a situação, Dennis foi ao biombo, afastou-o, fazendo os seus visitantes arregalarem os olhos de espanto ao depararem com a velha no logar em que julgavam encontrar uma bella e tentadora *vampiro*. E de um salto Dennis tomou a sua velhinha nos braços, declarando que o seu coração sempre lhe segredara que a tia Delia não desejaria vel-o separado de sua mãesinha.

— Tu és um excellente filho, declarou Delia num sorriso cheio de bondade, e, pena é que não sejas meu.

Dennis viu então que era chegado o momento de ajustar contas com Ritchie, e, ali mesmo, o denunciou como reles ladrão, tirando do bolso os papeis que apanhara no escriptorio e que provavam á saciedade a sua accusação.

Ritchie comprehendeu a conveniencia de "dar o fóra" e safou-se.

Dennis empurrou então a velha para Delia, dizendo-lhes que se abraçassem, e elle proprio foi para a cosinha com Claire e, sem que ninguem mandasse, segredou-lhe nos labios uma porção de coisas que Claire já sabia, mas que, com olhos velados e languidos, pedia-lhe que repetisse mais e mais...

Os Films da Semana

P A T H E'

A acrobata (Head over heels) — Goldwyn — Producção de 1921. — Mabel Normand parece que só interessa, assim mesmo a muito poucos, quando se apresenta nas suas caracterisações de *Jéca-tatú*. Em *A acrobata*, ella apparece assim nas primeiras scenas, pulando, dando cambalhotas, isto é, um *double* as executa... Faz uma rapariga italiana que vae para os Estados Unidos (como sempre, entendendo bem a lingua ingleza), que é explorada por um velhaco, bem interpretado pelo artista Raymond Hatton. O film, até á terceira parte, é regular, porém dahi em diante aborrece o espectador. Nada ha mais de aproveitavel. — *Cotação*: 4 pontos.

☆

Nero (Nero) — Fox — Producção de 1922. — Depois de quasi um anno annunciada, foi esta super-producção da *Fox* exhibida a semana passada em tres cinemas. Realmente esperavamos um trabalho melhor. A Fox mais uma vez não foi feliz nas suas reproducções historicas e J. Gordon Edwards, o director destas, tambem mais uma vez se revelou teimoso em suas idéas de modificar, á sua feição, os typos dos personagens e o correr da acção da historia. Como é sabido, não é a primeira vez que vemos na tela a historia, ou por outra, diversos factos passados na vida do celebre imperador romano. Já ha 12 annos, quando foi exhibido aqui com ruidoso successo o film "Quo Vadis?" da Cines, o publico poude apreciar algumas phases da vida deste tyranno imperador. Mais tarde, talvez uns quatro depois, vimos o film "Aggripina, mãe de Nero", da Gloria Film, que tambem aqui alcançou grande successo. E por isso, acreditamos que o publico, quando foi ver a obra da Fox, já foi preparado, mais ou menos, para ver, notar e comparar com os dois trabalhos anteriormente apresentados por aquellas duas fabricas. Fugindo á verdade historica, limitamo-nos apenas a analysar de longe os personagens e a direcção deste *capolavoro* da Fox. O elenco foi composto de artistas de diversas nacionalidades e podemos asseverar que o grupo de artistas italianos foi, sem duvida, o que mais nos agradou. Gretillat, actor francez que já conheciamos por diversos films antigos da Pathé, encarna o protagonista, indo perfeitamente bem em quasi todas as scenas, pois não só o seu typo é o traçado pela historia, como tambem estudou regularmente o difficil papel que tomou a seu cargo. Só não gostámos do seu trabalho em duas scenas: uma, quando lhe dizem que Roma está em chammas e a outra no final do film, quando se suicida. Faltou dar mais expressões de pavor e covardia. Estas, já vimos melhor representadas por Vittorio Rossi Pianelli, quando fez o mesmo papel em o film "Aggripina, mãe de Nero", acima citado. A Fox deixou de fazer a lucta dos gladiadores que sempre apparece nas scenas das festas no Colyseu. Ahi neste quadro, Cattaneo, que desempenhou o papel de Nero em "Quo Vadis?", teve um trabalho magistral! Alessandro Salvini, vae correctamente no Horacio. Guido Trento, regularmente no papel de Tullio. Nero Bernardix, no apostolo, vae regularmente em algumas scenas e detestavel em outras. Nello Carolento faz um magnifico Galba. Vimos tambem Alfredo Boccollini (o Galaor, como é mais conhecido), no papel de Garth. Passando aos artistas femininos, notámos: Edy Darclea, como Acté, a quem deram um papel de pouca importancia. Paulette Duval na Poppéa, vae mais ou menos. Este papel requer mais estudo. Violet Mersereau, a unica artista americana do film, já muito nossa conhecida atravez dos films da Universal, faz a Marcia e vae regularmente, porém faltou dar mais expressões de fé. Este papel é tambem de grande responsabilidade e já o vimos bem representado por Lyda Cattaneo no "Quo Vadis?". A Fox vestiu com muito luxo todos os artistas e reproduziu bem os templos, praças e Colyseu. A photographia é boa, havendo entretanto algumas scenas um pouco escuras. A scena do incendio de Roma não nos enthusiasmou, pois já temos visto coisa melhor. A corrida das bigas, posto que não melhor do que a da "Rainha de Sabá", foi muito bem photographada, como talvez sómente a Fox o poderia fazer. Outra scena que nos deixou desagradavel impressão foi a da entrega dos christãos ás feras. Foi muito mal tomada e não empolga a platéa. A movimentação das tropas, do povo, o correr dos festejos, a distribuição dos estandartes, insignias, etc. estão muito acanhados e não se podem comparar com os que estamos acostumados a ver nos films historicos italianos, dirigidos por Guazzoni, considerado até aqui como o mais competente director artistico de films historicos. As poucas colorações, já pondo de parte os senões technicos, estão boas em algumas scenas e, em outras, seria melhor que a Fox não as tivesse feito. Ha outras tantas coisas que deixamos de mencionar, para não entrarmos em detalhes melindrosos, dada a difficuldade de analysar um film deste genero. São estas, porém, as nossas poucas opiniões sinceras a respeito deste já tão commentado film. — *Cotação*: 10 *pontos*.

O D E O N

O imperador dos pobres. — Mathot continua agradando com o seu trabalho no film da Pathé, ora em exhibição no Odeon. Só não approvámos a sua caracterisação. Aquella sua barba postiça está em completo desaccordo com a côr dos seus cabellos. Os artistas americanos quando têm que desempenhar qualquer papel onde são obrigados a apparecer barbados deixam antes crescel-a afim de dar melhor impressão no desempenho. Mas os artistas francezes já não são tão caprichosos nem se sujeitam a estas coisas... Nas tres partes que formam o 2º capitulo, admirámos muito a belleza de Gina Relly no papel de Sylvette e as lindas e romanticas paysagens que apparecem nas scenas passadas na fazenda. A photographia exterior é muito nitida e bem variada nas viragens. Acreditamos que o film esteja agradando.

☆

Quanto póde o amor (Love's redemption) — First National — Producção de 1922. — Um film de Norma é sempre um successo garantido, e foi por isso que, com a exhibição de "Quanto póde o amor", o Odeon teve os seus salões cheios durante toda a semana. Neste film ella não tem ensejo de mostrar mais uma vez o seu valor como artista dramatica, pois o argumento não lhe offerece opportunidade para isto; em todo caso, desempenha magnificamente bem todas as scenas em que toma parte. Harrison Ford é o senhor do film. O seu trabalho, especialmente nas 3 primeiras partes, é digno de todos os elogios. Nunca o vimos trabalhando tão bem e que nos agradasse tanto. O argumento do drama é baseado mais ou menos na mesma historia do film "Eis minha esposa!", com Milton Sills e Mabel Julienne Scott, já em tempo exhibido no Central. O film mostra lindas paysagens da Jamaica, e, em algumas scenas, faz até lembrar diversos trechos das nossas fazendas de S. Paulo, etc. Boa photographia e optima direcção. — *Cotação*: 6 *pontos*.

P A L A I S

Amor cabala ou *Louise Millerin* (Louise Millerin)—Decla — Producção de 1922. — Os allemães no seu elemento... um film historico, entrecortado de scenas maliciosas e ironicas, com todos os seus defeitos caracteristicos e desempenhado por um grupo notavel de artistas escolhidos, como o grande Werner Krauss, o sympathico galã Paul Hartmann, Reinhold Shunzel, Fritz Kortner e Lil Dagover, que vae admiravelmente na penultima parte. O film não é mau... a historia é que não agrada ao publico brasileiro. Bella photographia, montagem a caracter, technica perfeita, isto é, ha alguns errosinhos na distribuição de luz e ha tambem aquella faisca electrica no principio do film, cortando o meio da scena e sempre no mesmo lugar. Entretanto, quem aprecia films allemães, gostará immenso deste. O desempenho dos artistas é notavel. — *Cotação*: 7 *pontos*.

A V E N I D A

Adão e Eva (Adam and Eva) — Cosmopolitan-Paramount — Producção de 1923. — Marion Davies tem feito temporada nas nossas telas e o seu ultimo film — *Marie Tudor*, considerado por muitos o seu melhor trabalho, deixou agradavel impressão no nosso publico. E depois, ella é bonita, embora não tanto como quando tirou o primeiro premio de um antigo concurso de belleza, realisado em New York. Este film tem um enredo fraco e sem interesse, porém a photographia é de primeira ordem e tem uma deslumbrante montagem, salientando-se a festa veneziana caprichosamente organizada pelo seu director Robert Vignola.

T. Roy Barnes está fóra do seu genero. William Norris é quem tira a monotonia do film, pondo ás vezes a platéa em geral gargalhada. Muito longo. Quem gostar de Marion, póde assistir ao film, pelo menos para ver as suas bellas toilettes. — *Cotação*: 6 *pontos*.

A rosa branca (The white flower) — Paramount — Producção de 1923. — Um drama de amor cujo scenario é a romantica Honolulu, não perdendo a directora um só detalhe dos usos e costumes, curiosidades e até a flora desta tão apreciada capital das ilhas Hawaii. E' um drama de acção algo interessante, baseado nas grandes suggestões destas ilhas, pondo de parte a inverosimilhança daquella historia do talisman que diz o que se deve fazer nas horas de afflicções. Betty Compson, linda como nunca, tem um trabalho notavel, não sabendo nós por que a Paramount a poz de lado. Edwin Lowe é o galã. Leon Barry, correcto. Sylvia Ashton e Arthur Hoyt dentro do seu genero. Não gostámos de Arline Pretty, achámol-a menos artista e muito differente no seu physico. A photographia do film é um pouco escura em algumas scenas, mas isto desculpa-se dadas as difficuldades que se encontram ás vezes em transportar todos os apparelhamentos quando se tomam scenas em certos locaes. — *Cotação: 7 pontos.*

R I A L T O

Escravo de uma paixão (Passion fruit) — Metro — Producção de 1921. — Outra historia passada nas ilhas Hawaii que não prende tanto a attenção dos espectadores. Ha algumas scenas boas desempenhadas por Stuart Holmes, mas nós já estamos cançados do seu representar de villão. Doraldina, a heroina do "Collar de Neulaka" é a estrella só para dansar o *hula-hula*, que aliás faz com perfeição e especialidade. Sidney Bracey tem um trabalho notavel. Apparecem tambem Edward Earle e Florence Turner, uma estrella dos outros tempos. — *Cotação: 5 pontos.*

☆

Bavu (Bavu) — Universal — Producção de 1923. — "Bavu" é um bom film e a Universal, que o produziu, está de parabens pelo trabalho que apresentou. Um film de Stuart Paton é sempre recommendavel, pois nós já o conhecemos como um grande director. Elle reproduz neste seu trabalho uma pagina dos constantes saques feitos pelos bolshevistas nos castellos dos aristocratas czarianos. Wallace Beery é o protagonista e desempenha extraordinariamente o papel. Forrest Stanley faz um correcto official. Estelle Taylor, com toda a sua belleza estonteante, vae muito bem. Sylvia Breamer no papel de Olga tem um trabalho de valor. Os demais: Joseph Swickard, Martha Mattox e Nick De Ruiz vão perfeitamente bem na parte que lhes tocou. As scenas do incendio e da invasão do partido de Bavu, são reproduzidas com uma perfeição unica. Magnifica photographia. — *Cotação: 8 pontos.*

P A R I S I E N S E

S. Ex. a Embaixatriz (Sua Eccellenza l'Ambasciatrice)— Lucio d'Ambra Film — Producção de 1922. — O Parisiense exhibiu segunda e terça-feiras o film da Lucio d'Ambra Film, "S. Ex. a Embaixatriz", que, segundo as revistas cinematographicas italianas, agradou em toda a Italia. Realmente, elle não é mau e póde ser visto até mesmo por aquelles que detestam films italianos, muitas vezes sem motivo. Lia Formia é a protagonista e desempenha com muita naturalidade o papel que lhe confiaram. E' pouco conhecida aqui no Rio, pois o numero de films por ella exhibidos em nossas telas é muito limitado. E' bonita, elegante, muito sympathica e satisfaz bastante no seu trabalho. Ao seu lado, esteve como principal actor Umberto Zanuccoli, que sempre apparece nos films da Lucio d'Ambra. Os demais artistas que compõem o "cast" são completamente desconhecidos nas nossas telas. O argumento bem como a direcção, foram confiados a Lucio d'Ambra. Os scenarios foram pintados pelo conhecido scenographo italiano P. Fausto Maioletti. Boa photographia de Domenico Crimaldi. — *Cotação: 6 pontos.*

☆ De quarta-feira a domingo, o Parisiense exhibiu o film da Paramount "Paixão de barbaro" (The sheik), uma *reprise* desejada, pois, como sabemos, muita gente não viu este film quando esteve em programmação. E depois, naquella época Rodolpho Valentino não era tão querido como é actualmente e por isso muitas das suas innumeras admiradoras de hoje deixaram de ver o magnifico trabalho que tem no citado film.

C E N T R A L

O Central fez de segunda a quarta-feiras, mais uma vez a *reprise* de "Brutalidade" (The beast), da Fox. Como os nossos leitores devem saber, este foi o film de George Walsh que mais agradou, mas tem sido tão repetido em todos os bairros...

☆ No mesmo programma esteve a comedia de Buster Keaton, "Ferraduras modernas" (The blacksmith), já exhibida no Parisiense.

☆

Para aquelles a quem amamos (For those we love) — Goldwyn — Producção de 1921. — Betty Compson deixou desagradavel impressão neste seu film. Com uma historia já muito explorada por diversas fabricas e de nullo interesse, apresenta-se neste trabalho quasi de nenhuma importancia para ella. A historia é pessima e não agrada por completo. Dos artistas, o que tem melhor desempenho é Lon Chaney. Dick Rosson e Frank Campeau têm as suas partes regularmente representadas. A photographia do film é detestavel. Acreditamos que já dissemos tudo. — *Cotação: 4 pontos.*

I D E A L

Hypotheca humana (Human collateral) — Vitagraph — Producção de 1920 — Mais um film de Corinne Griffith e mais fraco ainda do que os anteriores. Enredo desinteressante, soffrivel photographia e pobre montagem. Corinne, o typo caracteristico da mulher americana, como sempre, muito chic e, no que é chamada a representar, fal-o com perfeição. Apparecem mais: o seu marido Webster Campbell, como galã, Maurice Costello, um dos fundadores da Vitagraph e um antigo idolo da tela, como villão, e, num papel caracteristico, um outro fundador da citada fabrica, que é o mallogrado Charles Kent. Era bem melhor que a Agencia Universal, em vez de mandar buscar producções Vitagraph, como esta, mandasse vir as de fabricas independentes, como outr'ora fazia. — *Cotação: 5 pontos.*

☆

Em pleno abysmo (Quincy Adams Sawyer) — S. L. Pic-Metro — Producção de 1922. — Um magnifico film este, interpretado por um grupo de artistas notaveis e todos nossos conhecidos. A historia é muito interessante, tanto na parte dramatica como na comica. Neste film faz o reapparecimento em nossas telas o actor comico Hank Mann que appareceu aqui com as primeiras comedias da L-KO e que foram as primeiras do genero americano, das quaes muito nos lembramos. Todos os artistas vão magnificamente bem nos seus respectivos papeis, mas não podemos deixar de elogiar os trabalhos de Blanche Sweet (que tambem volta ao cinema com este film), John Bowers, Lon Chaney e Barbara La Marr. Clarence Badger dirigiu com todo zelo este seu trabalho, o qual deve ser visto por todos aquelles que gostarem de bons films. A photographia e a technica são perfeitas. — *Cotação: 7 pontos.*